



"OS ÁGUIAS"

Boletim do "Clube de Futebol OS ÁGUIAS", de Alpiarça

FUNDADO EM 1 DE OUTUBRO DE 1922

NÚMERO ÚNICO COMEMORATIVO DO 31.º ANIVERSÁRIO

Editado pela Secção Cultural — Dezembro de 1953

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA ESCOLAR — SANTARÉM

Visado pela Comissão de Censura

Cartão de Visita

Ao distribuir hoje, a todos os sócios do C. F. "Os Águias" o número único de um Boletim impresso, a Comissão Orientadora da Secção Cultural comemora, desta forma, o 11.º aniversário da Biblioteca daquela Colectividade que 13 entusiastas desportistas fundaram há 31 anos. Era nossa intenção fazê-lo circular pelo aniversário do Clube, mas motivos vários não o tornaram possível.

Não pretendemos apresentar obra sem defeitos mas tão perfeita quanto nos permita engenho e arte, inserindo noticiário e comentários sobre o melhor ou pior funcionamento de todas as Secções do Clube, de que nos foi dado obter colaboração.

Também incluímos artigos focando aspectos da vida do Clube que não estão directamente subordinados a qualquer Secção, além de outros que, não dizendo propriamente respeito ao Clube, podem interessar a muitos dos nossos consócios.

Este Boletim será como que o prolongamento, até junto dos sócios, do "Jornal de Parede" ou mural que, com alguma regularidade, mensalmente temos vindo publicando na nossa Sede, com a colaboração de todos os que nos têm enviado os seus artigos, opiniões ou sugestões.

Fazemos votos para que a semente agora lançada frutifique ao ponto de poder vir a publicar-se, sendo mensalmente, pelo menos trimestralmente, um Boletim que seja não só o porta-voz da Direcção até junto dos sócios, como também uma tribuna onde estes possam expor os seus pontos de vista sobre os mais diversos assuntos do Clube, quer os desportivos ou recreativos, quer os educativos ou culturais. Alpiarça, Dezembro de 1953.

Uma vez mais abordamos este assunto, pois consideramo-lo sumamente importante. O número sempre reduzido de sócios que assiste às Assembleias Gerais, em especial às Assembleias Ordinárias, e o número ainda mais diminuto dos que tomam parte activa na discussão dos problemas aí tratados, traduz um enorme desinteresse pela vida do Clube. Sim, porque é aí, nas Assembleias Gerais, dizemo-lo mais uma vez, que se discute a vida do Clube, se corrigem erros, se apontam deficiências, se traçam directrizes, se elegem os Corpos Gerentes. Aí e só aí. No entanto alguns sócios, e não poucos, preferem a mesa do café para, em conversa com os amigos, fazerem críticas, sugerirem soluções, etc., dispensando-se de o

discussão e impedidas de sobre elas se tomarem decisões porque não estão na Assembleia do Clube? E que só aí, nas Assembleias Gerais, tal pode ser feito? Assim, sugestões por vezes interessantes ficam inaproveitadas. Além disso, se todos os sócios participarem das Assembleias, poder-se-á evitar, em parte, que sejam traçadas directrizes que mais tarde se abandonam por não satisfazerem, pois com a opinião de todos, com a ajuda mútua, poderemos melhor compreender problemas que, por vezes, se nos apresentam obscuros.

Estamos no fim do ano. Aproxima-se mais uma Assembleia Geral Ordinária. Necessário se torna que até lá todos façamos um esforço no sentido de compreendermos a necessidade, a conveniê-

ASSEMBLEIAS GERAIS

irem fazer onde convém — nas Assembleias Gerais. Não estamos, nem podemos estar de acordo com a atitude destes sócios. E precisamente por isso vimos mais uma vez dizê-lo francamente, aqui onde convém — no Jornal do Clube.

Aqueles sócios não se aperceberam ainda que a assistência e a participação em tão magnas reuniões é um dever de todos nós, porque não podemos deixar a meia dúzia o encargo de resolver problemas que a todos interessam e que não é justo que seja só essa meia dúzia a procurar honestamente para cada caso uma solução, a qual depois todos se permitem discutir e criticar, fora do Clube, e nem sempre, ou quase nunca, com espírito construtivo? Pois não sentem quão falsa é a sua posição ao emitirem uma censura ou uma opinião de solução, a seu ver mais adequada para este ou aquele assunto, se não se dispuserem a enfileirar com os outros na discussão franca, leal e honesta, mas lá onde convém, onde podem ser tomadas decisões — nas Assembleias do Clube? Esses sócios não compreendem que as suas opiniões, que tão úteis podiam ser se fossem apresentadas nas sessões de Assembleia quando ouvidas por todos e por todos discutidas, ficam inúteis ditas lá fora, ouvidas por um ou dois, sem possibilidade de discussão colectiva e impedidas de sobre elas se tomarem decisões porque não estão na Assembleia do Clube? E que só aí, nas Assembleias Gerais, tal pode ser feito? Assim, sugestões por vezes interessantes ficam inaproveitadas. Além disso, se todos os sócios participarem das Assembleias, poder-se-á evitar, em parte, que sejam traçadas directrizes que mais tarde se abandonam por não satisfazerem, pois com a opinião de todos, com a ajuda mútua, poderemos melhor compreender problemas que, por vezes, se nos apresentam obscuros.

cia, a vantagem que há para o Clube de todos assistirem e participarem activamente nas sessões dessa Assembleia.

A todos os que já compreendem ser isso um dever que cumpre satisfazer sugere-se que como forma de participação na campanha por uma maior assistência às reuniões Clubistas, façam disso tema nas conversas que tenham com os seus consócios, no café, na rua, na sede, no campo de jogos, enfim, onde e sempre que a ocasião se proporcione. E creiam que realizarão um bom trabalho.

O nosso Jornal, o Jornal de Parede de "Os Águias", também pode neste ponto desempenhar um papel importante, inserindo artigos sobre o assunto. E na medida em que trate destes e doutros problemas de capital importância que justificará a sua existência.

C. A.

Cartão de Boas Festas

"Os Águias" desejam a todos os sócios, amigos, atletas, directores e componentes de Secções um Natal alegre e um Ano Novo muito próspero.

Torna igualmente extensivo esse desejo a todas as Colectividades do país, para quem envia, outrossim, um fraternal abraço, com os votos das maiores prosperidades nos campos desportivo, recreativo e cultural.

Nenhuma Secção do Clube deve dexar de existir. Todas devem ser mantidas e desenvolvidas. Elas são a sua verdadeira riqueza, são a razão de ser, são o que justifica a sua existência.

Lucília Rodrigues de Freitas

Rua José Relvas Telef. 34

ALPIARÇA



SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

CAFÉ CENTRAL

DE

*Gregório Joaquim Monteiro*R. José Relvas, 127 e 129
(Frente ao Cinema)

ALPIARÇA

Gregório do Céu RaposoFazendas, Mercarias, Sêmeas, Cereais
Legumes, Azeites, etc.

ESPECIALIDADE EM CAFÉ

R. Joaquim Nunes Ferreira, 19 - 21

Telef. 74 ALPIARÇA

João Vicente CavacoELECTRICISTA
CANALIZADOR

ORÇAMENTOS

R. José Relvas ALPIARÇA

ARMANDO RODRIGUES

PADARIA DE FARINHA ESPADA

R. Manuel Nunes Ferreira

ALPIARÇA

Moisés MarquesFABRICANTE DE
MÓVEIS

ALPIARÇA

ALBERTO MARQUES

LATOARIA

R. José Relvas

ALPIARÇA

Armando Raya da Silva

ENFERMEIRO

MAÇAGENS

R. Comandante Fontoura da Costa

Telef. 66 ALPIARÇA

JORQUIM PEREIRA DE OLIVEIRA

PADARIA

ALPIARÇA

FRANCISCO S. BERNARDES

LATOARIA

LOIÇA ESMALTADA

R. Silvestre Bernardo Lima

ALPIARÇA

António Fernandes

SAPATARIA



R. Sacadura Cabral ALPIARÇA

João Soares

ALFAIATARIA

R. José Relvas

ALPIARÇA

ABRSTECEADORA DE ALPIARÇA, L.^{da}

ESPECIALIZADA EM MERCEARIAS FINAS

Secção de Cafés, Chás, Bolachas, Cacaos,

Chocolates, Bombons, Manteigas

Vinhos do Porto e seus derivados

Champagnes

Conservas, Queijos e Carnes Fumadas

Farinhas, Sêmeas, Cereais e Azeites

R. Dr. Queiroz Vaz Guedes, 68-70 ALPIARÇA

R. Maria Rocha Coutinho, 45

Telef. 104

Manuel Rodrigues de Castro

Vinhos e seus derivados

R. João de Sousa Falcão, 3 Telef. 80

ALPIARÇA

António Borges Loureiro, Ulva e Filhos

PADARIA de Milho e Trigo em Rama

Vinhos e seus derivados

R. Ricardo Darão Telef. 39

ALPIARÇA

Edmundo Maria Nunes

Oficina de Ferrador

VINHOS E SEUS DERIVADOS

R. José Relvas

ALPIARÇA

Manuel Mendes Calado

Mercearias, Vinhos e seus derivados

R. Silvestre Bernardo Lima

ALPIARÇA

Telef. 94

Francisco Sabino Cunha

MERCEARIAS

Vinhos e seus derivados

R. Ricardo Darão Telef. 108

ALPIARÇA

Companhia de Seguros

TAGUS

Seguros em todos os Ramos

Agente em ALPIARÇA

*Francisco Ant. Casqueiro**Pensão Alcobia*

Boa Comida Bons vinhos especiais e correntes

A CASA QUE SE PREZA EM BEM SERVIR
(Quanto ao resto são cantigas dos amigos)

Telef. 17 ALPIARÇA

António Tendeiro Gameiro

Construtor Civil Vitivinicultor



R. José Relvas Telef. 103

ALPIARÇA

RUI LEOCÁDIO CAVACO

AGÊNCIA FUNERÁRIA

R. José Relvas

ALPIARÇA

João da Silva Rabico

OFICINA DE AUTOMÓVEIS

Soldadora e Autógenos e Electrogénos

Carga de Baterias

R. Guerra Janqueiro, 13 Telef. 57

ALPIARÇA

A CONQUISTADORA

de João Baptista S. Piscalho

Mercearias - Salsicharia - Vinhos

R. Comandante Fontoura da Costa, 92

MERCADO MUNICIPAL ALPIARÇA

Foi da Secção de Propaganda e Turismo fundada em 6 de Setembro de 1950 por Joaquim Hermes Carvalho que nasceu a Secção de Ciclo-Turismo por alvitre de Carlos Pinhão Correia. Tem esta a sua Comissão composta por Capitão de Secção, Secretário, Tesoureiro e Vogal. Conta actualmente com 26 inscritos sendo 4 femininos e 22 masculinos. Vive esta Secção pelos seus próprios meios não dando despesa alguma ao Clube e ainda apresentando todos os anos um saldo, que provém de festas realizadas e dos seus elementos que dando o seu esforço e sacrifício em representação do Clube, ainda pagam uma pequena cota por cada saída. Esta Secção iniciou a sua actividade em hora feliz, triunfando dos obstáculos que obrigaram outras a trepidar; mas

nunca como na época que decorre o Ciclo-Turismo esteve tão próspero. Apesar de tudo há quem diga mal desta modalidade desportiva, porque no nosso Clube há os que nada fazem, os que nada deixam fazer, e os que alguma coisa querem tentar fazer... Ou se quizerem: Nos que nada percebem do assunto, mas que têm a franqueza de o dizerem, nos que fingindo saber, nada ou pouco percebem da matéria, e finalmente, nos que percebendo o suficiente, podiam por isso, na realidade tornar-se úteis mas infelizmente tal não sucede. Da má Psicologia Desportiva que impera na hora presente no nosso Clube, nasceu a maioria senão a totalidade dos males que desportivamente sofremos. Melhor no entanto se tornaria o horizonte, se por feliz concurso das circunstâncias, conseguíssemos unir a força viril dos Desportistas bons e de seus aficionados de inteligência sã e de justiça que cada um tem iminentes em si, mas tudo isto são quimeras talvez... E dado que somos estruturalmente animosos, gaillardos e orgulhosos no bom sentido — não encontraremos dificuldades invencíveis, se apelarmos para os bons sentimentos da falange Desportiva e útil, se a convidarmos a seguir-nos e a coadjuvar-nos no intuito de metermos a bom caminho os restantes. A mulher e o homem têm um organismo para viver no meio da atmosfera; está portanto no seu verdadeiro elemento quando rodeado e exposto à acção da luz, do ar e do sol, não significa a consagração a este Desporto de tempo exagerado, que o não livraria pela certa a maus excessos e fadigas prejudiciais. O Ciclo-Turista

ao iniciar o seu itinerário, não leva consigo missão de andar sem fim. Não se trata de uma corrida inconsciente e fatigante, pois que a possibilidade de observação é realmente grande e quantas vezes única. O Ciclo-Turismo desempenha sem dúvida um grande papel cultural na formação da juventude habilitando-a ao conhecimento real de uma região ou de um país, em todos os seus aspectos, misérias e grandezas. Endurece o corpo em contacto com o sol, o vento e a chuva; activam-se os músculos nas longas jornadas; robustece-se o físico pelo contacto com todos os elementos naturais, pela vida simples, pela

CICLO-TURISMO

alimentação frugal; enriquece-se o espírito pelos conhecimentos constantes e pelas lições espontâneas com passeios de recreio ou de estudo a locais determinados, visitando obras humanas ou naturais, monumentos, fábricas, floresta ou bosque, fauna ou flora, ou, ainda, condições de vida humana, artísticas, etnográficas, históricas, etc., etc. Ainda o facto de se viajar no Ciclo-Turismo apresenta uma economia em relação aos transportes e livra-o da sujeição aos horários rígidos, podendo partir quando mais lhe convenha, parar quando a paisagem o seduza, descansar quando tenha necessidade. É para uma boa viagem importa desviar os olhos dos marcos quilométricos e não ter pressa de chegar; aproveitar as grandes subidas para saltar da bicicleta e conduzi-la á mão (menos esforço e mais possibilidade de examinar o local); ser calmo nas maiores contrariedades, porque deve contar-se sempre com pequenas avarias na bicicleta. Esta deverá ser escolhida de forma a satisfazer condições essenciais que garantam solidez e conforto. Este Desporto, incute-nos o respeito por nós próprios e o respeito pela vida, e foi pena que o seu desenvolvimento e propaganda só tarde começasse a ser compreendido por alguns, e pena é que não o compreendam, pelo menos o sexo feminino. O meu desejo seria de que todos os que praticam o Ciclo-Turismo beneficiassem das suas virtudes e pudessem juntar às qualidades natas, os mais altos dotes morais — que devem ser e são na maioria dos casos — apanágio do bom, verdadeiro e devotado praticante deste tão salutar Desporto.

ANTÓNIO ATRACADO TOUCINHO

A nossa Homenagem

No natal dos indivíduos, quando o conchejo familiar é mais estreito, de sanviado e amigo, há sempre uma hora de saudade, para recordar os membros da família que a morte ceifou.

No Natal da nossa Colectividade, agora que tudo é festa, desvanecimento e júbilo, tinha de haver também essa hora de rebate profundo, de saudade e gratidão, para recordar, em sentida homenagem, os que a morte não conseguiu apagar da lembrança dos vivos: os que, pela dedicação a "OS AGUIAS", pela beleza do seu carácter, como homens e como sócios, têm jus a perene recordação.

Enunciaremos alguns, sem outra preferência que não seja a da ordem de inscrição como sócios, e sem que, citando tão poucos, esqueçamos todos quantos, mortos também, souberam ser, em vida, nesta Colectividade — Bons Sócios, na sociedade, — Bons Cidadãos e nesta Terra — Bons Alpiarcenses.

Que a todos a terra seja leve e que o exemplo das suas nobres qualidades frutifique.

Meditemos, nos nomes que vão seguir-se, com a gratidão e respeito que esses nomes a todos infundem: António da Silva (Velinho), Augusto Marques da Silva, Joaquim Rodrigues da Silva, Francisco Vicente Noronha, Porfírio de Almeida Caetano, Diniz Martins Valério, Duarte T. Gameiro, Joaquim Ramos Martins, António da Costa Guilherme, José Fortunato Valério, Raul da Costa Feijão, Henrique Leal, José da Silva Matos e Ricardo Malthou Abreu (Zamora).

A DIRECÇÃO

JORNAL DE PAREDE

O próximo número sairá em Janeiro de 1954.

Venha lê-lo à nossa Sede, e diga-nos se os artigos lhe agradaram ou não, se gostou do aspecto do Jornal e o que desejaria ver nele incluído.

Assim, todos aproveitaremos.

Desporto popular não é o que é VISTO por grandes multidões, mas tão somente aquele PRACTICADO por muitos milhares de pessoas.

SECÇÃO

CULTURAL

Fundada em Dezembro de 1942 — quase há 11 anos — iniciou a nossa Secção a sua actividade dentro de "OS ÁGUIAS" com a abertura de uma biblioteca, ao princípio apenas com cerca de 50 volumes.

De então para cá não mais deixou de ter actividade, exceptuando uns escassos meses por motivo de obras, e podemos dizer que uma actividade mais ou menos regular, embora com períodos de maior ou menor intensidade.

O número de obras à disposição dos sócios tem aumentado todos os anos, umas adquiridas, outras oferecidas, quer por sócios, quer por estranhos, ao ponto de termos presentemente cerca de 1.300 volumes, que já proporcionaram aos sócios e famílias muitos milhares de leituras domiciliárias, pela insignificante taxa de \$50 nos primeiros 10 dias.

Entretanto há que notar um período de grande actividade com a realização de leituras comentadas, conferências, palestras, exposição de livros e outras.

Dificuldades, principalmente de ordem económica, não têm permitido que esta Secção receba, desde há 3 ou 4 anos, qualquer participação, o que nos impede de apresentar um trabalho que se saldaria por um número de livros superior em muitas centenas e pela existência de alguns de apreciável valor e agora já de difícil aquisição.

O património do Clube estaria aumentado do valor aproximado dessas participações; os sócios teriam tido oportunidade de ler as referidas centenas de obras e as taxas de leitura haviam proporcionado uma receita aplicável em emendas e outras benfeitorias.

Não obstante os entraves apontados a nossa tarefa tem continuado e regozijamo-nos por ser já bastante superior a 1952 o número de volumes levantados este ano pelos sócios, embora falte ainda um dos meses de maior movimento.

Ser-nos-ia sumamente grato melhorar a nossa Secção, presentemente ainda com certas deficiências, mas são principalmente as dificuldades financeiras que no-lo impedem.

Era nosso intento apresentar, por exemplo, neste aniversário, duas ou três conferências sobre desporto, cultura e arte, bem como uma ou duas sessões de cinema cultural. Mas tudo somado, "com o cinto bem apertado", ainda seria da ordem de seis ou sete centenas de escudos, sem sabermos onde procurar a contrapartida.

E assim o nosso trabalho a pouco mais se limita do que à entrega e recebimento de livros adquirindo, de tempos a tempos, uma ou outra obra cuja compra vai sendo possível com a magra receita das taxas de leitura.

A actual Direcção inscreveu no seu orçamento uma verba para esta Secção e estamos esperançados que venhamos a receber proporcionalmente tanto como as restantes, o que, aliás, também já foi verbalmente prometido em reunião da Direcção.

E assim podemos dar um bom impulso a uma Secção que tem no seu activo mais de uma década ininterrupta de trabalho em prol do Clube e de que este, embora modestamente, já se vai orgulhando, pois não é raro ver sócios mostrando a Biblioteca aos seus amigos e visitas, embora as suas instalações ainda deixem bastante a desejar.

Quanto ao Jornal de Parede a sua publicação sofre um pouco com a falta de tempo e, por vezes, com a de original, editando-se, no entanto, quase regularmente.

Não se deve estranhar a linguagem empregada neste nosso artigo, pois seguimos o sistema adoptado desde há anos nos Relatórios que publicamos no fim de cada gerência, qual seja o de mostrar as nossas dificuldades, pondo em foco o que deixámos de fazer e porquê. Pretendemos, não ocultando a verdade, corrigir as deficiências tão cedo quanto possível.

Terminaremos lançando um apelo a todos os amigos da cultura — quer sócios, quer não — para nos oferecerem um livro para a Biblioteca ou nos enviarem artigos para o Jornal de Parede.

A bem de "OS ÁGUIAS"

A Comissão Orientadora da Secção Cultural

Biblioteca Dr. Joaquim Pratas

Os Ex.^{mas} Snrs. Francisco Gameiro Júnior, José Gameiro Júnior e seus filhos tiveram a generosa e feliz ideia de oferecer ao nosso Clube todos os volumes — livros, revistas e jornais — que foram pertença do nosso conterrâneo Dr. Joaquim Pratas, médico veterinário de renome, que dedicou toda a sua vida ao estudo.

Bem hajam pois os referidos Senhores pela valiosa oferta que enriquece sobremodo o nosso património, pois entre as 2 000 obras que vamos receber contam-se muitíssimas de elevado valor — das quais sobressai a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, avaliada, só ela, em alguns milhares de escudos — ficando, por isso, à disposição de todos os nossos consócios e de outras entidades indicadas nas condições de oferta, livros de real utilidade, quer sob os pontos de visto científico e profissional, quer educativo. Revistas e jornais não incluídas naquele número, são muitas centenas — talvez milhares — em Português, Espanhol, Francês, Italiano, Inglês, Alemão, Sueco... Não encontramos ali apenas obras sobre veterinária, que constituem boa parte, mas também sobre aves, oliveiras e azeite, vinhas e vinho, etc., etc.

Em nome da Secção Cultural e em nome do Clube de Futebol "OS ÁGUIAS" aqui fica já o nosso primeiro agradecimento aos Snrs. Francisco Gameiro Júnior, José Gameiro Júnior e seus filhos.

A Comissão Orientadora da Secção

Um livro de Física, de Química, de Matemática é obra que, por vezes, tendes em casa e não vos faz falta e que ficaria bem nas estantes da nossa Biblioteca. Oferecei-a.

Nesta grande prova internacional, uma das melhores do mundo para ciclistas amadores, realizada em Itália, cuja partida se verificou no Estádio de Arena e chegada ao Velódromo Vigorelli, em Milão, coube a José Domingos e Anibal Alcobia da Costa, do «ÁGUIAS» de Alpiarça a honra de representarem o nosso país naquela importante prova, realizada em 27 de Setembro passado.

Quando do início das provas de selecção realizadas no nosso país, que foram em número de cinco, poucas esperanças havia de boa classificação para os nossos corredores, visto que só seriam seleccionados dois para irem a Milão, e José Domingos e Anibal Alcobia da Costa não vinham dando grande rendimento nas provas que até aí se tinham realizado, o que fez com que a Direcção do nosso Clube hesitasse em concorrer àquela importante prova pois as despesas eram grandes e as disponibilidades do Clube eram nulas. A grande vontade dos dois dirigentes da Secção de Ciclismo Srs. Joaquim dos Santos Alcobia e José Alcobia da Costa em que os nossos ciclistas participassem naquela prova, e a confiança que eles depositavam em alguns dos nossos concorrentes, levou-os a lutar sem desfalecimentos para que o Clube se inscrevesse e a Direcção em boa hora acedeu a gastar alguns milhares de escudos nessas provas, pois hoje o nosso Clube pode orgulhar-se de os dois ciclistas que foram seleccionados para Milão, envergarem as suas camisolas.

De prova para prova eles foram melhorando a sua classificação, e quando da realização da última corrida um deles tinha já o seu lugar assegurado antecipadamente e a desistência de Vicente Ferreira veio dar a possibilidade de serem seleccionados os nossos dois ciclistas o que de facto veio a suceder, mercê da prova brilhante por eles efectuada.

A antecipação da prova em Milão de 4 de Outubro para 27 de Setembro veio criar grandes embaraços ao Clube para conseguir a deslocação dos seus representantes por haver pouco tempo para tratar da documentação, o que, felizmente, se con-

seguiu mercê de muito trabalho da Direcção especialmente dos Srs. Joaquim dos Santos Alcobia e Mário Pinha que foram in-

CICLISMO
Grande Prémio «Pirelli»

cansáveis para se conseguir que tudo estivesse pronto a horas. A furunculose que atacou o ciclista Anibal Costa diminuiu em muito as possibilidades daquele corredor, pois tendo sido excelente a média por eles conseguida, estamos convencidos que muito melhor teria sido se pudessem dar todo o seu rendimento, se bem que 37,100 quilómetros por hora é uma média que os nossos melhores estradistas independentes não têm conseguido em provas daquela quilometragem.

A dedicação e o sacrificio fisico e financeiro dos Srs. Joaquim dos Santos Alcobia, Mário Pinha e Natalino Paciência Andrade, que exclusivamente à sua custa se deslocaram a Milão de automóvel, para lá acompanharem os nossos dois representantes, dando-lhes o apoio moral tão necessário, especialmente em país estrangeiro, são dignos dos nossos melhores louvores, e merecem um agradecimento caloroso de todos os nossos consócios, pois o seu sacrificio foi grande, quase não parando de Alpiarça a Nice, comendo e descansando dentro do carro, para chegarem àquela cidade francesa a tempo de aguardarem os nossos dois ciclistas à sua chegada de avião.

A organização da grande prova em Milão é tudo o que há de mais perfeito em provas desta natureza, pois tendo alinhado 109 concorrentes com 58 carros a acompanhar não se verificou um único acidente em tão elevado número de carros e de concorrentes. Dos 109 concorrentes só pouco mais de cinquenta chegaram à meta, tendo ficado pelo caminho alguns de grande fama, entre eles o campeão do mundo de amadores, o que mais vem valorizar a prova

dos nossos dois modestos representantes que a conseguiram concluir sem desfalecimentos, para honra deles, dos «Águias» e de Portugal.

Honra pois, a José Domingos e Anibal Alcobia da Costa.

Alpiarça, Outubro de 1953.

A. P.

Prova «PIRELLI»

Vingem a Milão dos Ciclistas
José Domingos e Anibal Costa

Passaportes:

2 requerimentos		
Governo Civil	20\$00	
2 passaportes . . .	415\$00	
Vistos passaportes	332\$00	767\$00

Bilhetes de identidade:

Gorjetas	50\$00
--------------------	--------

Fiança:

6 reconhecimentos e papel selado	44\$00
--	--------

Diversas:

Gasolina Lisboa para documentação	180\$00
s/ parte telefonemas Milão, Espanha, etc..	49\$60
	229\$60

Transportes:

Avião para Nice	4.855\$00	
Automóvel para regresso	2.000\$00	6.855\$00

Dinheiro entregue a José Domingos e Anibal Costa

Em Lisboa (Liras, Francos e Escudos)	1.500\$00
Em Milão	1.752\$50
Em Alpiarça (Escudos)	652\$10
	3.904\$60
	11.850\$20

Abono da Pirelli:

250.000 Liras a \$04,74	11.850\$20
-----------------------------------	------------

Os Clubes desportivos só devem considerar-se, eles próprios, de utilidade pública, a partir do momento em que levem à maioria da população os benefícios do desporto.

"OS ÁGUIAS" e a sua influência na vida de ALPIARÇA

Quem for conhecedor do egoísmo das gentes que campeia soberano na sua rota imparável; quem estiver ciente da solidariedade que amida se apregoa e a prática desmente; da mesquinhez e derrotismo que são já hábito peculiar nos pequenos meios, não pode deixar de ficar surpreendido ante a carreira crescente e firme de "OS ÁGUIAS DE ALPIARÇA".

Colectividade nascida num impulso do entusiasmo de meia dúzia, tendo atravessado vicissitudes múltiplas ora em crise de depressão ora, mais raramente, em crise florescente — é hoje uma realidade que se impõe, como integrante imprescindível na vida social da Vila.

É estranho (talvez por evidente em demasia) o conjunto de razões que lhe servem de esteio.

É óbvio que a predisposição para a associação fortalece-se no homem, em face da sua inferioridade material para remover os obstáculos que são superiores ao seu poder económico, quando isolado, mas, porque cada qual propende, consoante a afinidade de interesses e condições, regra geral, a associação nasce e mantém-se mais duradoura, entre pessoas que se identificam na categoria social, quando não, na profissão ou no ideal comum.

Desmentindo estas verdades gerais, "OS ÁGUIAS" agramam os interesses mais disparés, reúnem pessoas da condição social mais dissemelhante, como se sòmente o ideal comum "por Alpiarça, pelo auxílio mútuo, pelo intercâmbio da amizade, da cultura ou do desporto", — tivessem de ditar a afinidade, para o homem se associar nesta Terra — única nos costumes, única na psicologia colectiva.

Colectividade Alpiarense por excelência (sem desprimor para as demais que muito presamos e já servimos) "OS ÁGUIAS" vêm, há 31 anos, semeando, numa luta intermitente mas que a toda a hora se renova, civismo, cultura, recreio, desporto e educação física, assistência e bairrismo.

Com efeito:

Com bem acceso espírito crítico, mas com invulgar obediência

e disciplina, se cumprem e fazem cumprir estatutos e regulamentos, e ninguém dávida que assim se semeia bom civismo; uma biblioteca, com uma média de 1.200 leituras anuais, difunde instrução, conhecimentos os mais variados e úteis, e vozes autorizadas de mestres concienzistas se têm feito ouvir, por iniciativa da Colectividade, na sua sede — e isto é difundir cultura; espectáculos teatrais, os bailes que se realizam com regularidade, as verbenas, os jogos diversos são, indubitavelmente, recreio; o eilelismo, que hoje se eleva em Alpiarça à altura de acontecimento de vulto, com valores que são já nacionais, o futebol, o bilhar, o pingue-pongue, a pesca, são desportos; a ginástica, desportiva ou não, o campismo, o ciclo-turismo, fomentam, sobremaneira, a educação física; os bailes em benefício deste ou daquele sócio a quem a infelicidade tocou — gesto de uma nobreza que a todos sensibiliza pela solidariedade que manifesta —, a cooperação no "Cortejo das Vindimas", a vinda do "Lisboa e Saudade" e tantas outras iniciativas, que em "Os Águias" nasceram ou ali se acolheram, são assistência da melhor; a propaganda de tudo quanto é Alpiarense, o apregoar do nome desta Terra, ora nas camisolas dos atletas ora nas colunas dos jornais, e o pagnar constante pela melhoria e progresso de Alpiarça, é bairrismo do mais puro.

* * *

A história dos costumes não lhe adivinha as páginas quem continuamente a vive: é feita à distância, no tempo ou no espaço, observando imparcialmente, com espírito comparativo excepcional.

A mutação insensível mas contínua, evidentemente, que se não nota dia a dia.

Há, no entanto, consequências que, sendo fatais e insofismáveis, revelam a mudança! A solidariedade que anda palpável pela rua, o convívio amigo que salta aos olhos, quando se conversa, se joga ou se trabalha ou ainda, quando se caltiva para a amizade a proximidade de morada ou a semelhança de interesses; a desenvoltura, a precisão na crítica, a honestidade de certos conceitos, a cultura e a boa com-

pleição física que se vai manifestando na nova camada humana; a compreensão, a disciplina social, o próprio aperfeiçoamento dos métodos de trabalho ou da alma das gentes, tudo quanto de saliente, progressivo e de mérito se vê em Alpiarça, denota a influência de 31 anos de acção de "OS ÁGUIAS", cujos efeitos senão vêm de um ano ao outro nem à simples vista, como o estádio, a pista, as estantes cheias da sua biblioteca e o mais que é concreto e material.

Temos, porém, de crê-lo e admiti-lo, porque, na lógica dos princípios, o contrário seria negar a fatal dependência entre as causas e os efeitos correspondentes.

Demais, tanta acção dispendida tinha de produzir os seus benefícios.

Que o digam os velhos, que viveram época distante e saibam, por um esforço retrospectivo de memória, fazer apreciação imparcial; que o digam, melhor ainda, os que se asentaram para longas paragens e lá ouviram repercutir a notícia das iniciativas, para ao regressar, compararem os efeitos.

Esses, como nós, louvarão a vida cada vez mais ampla de "OS ÁGUIAS", como cécula associativa primária de Alpiarça, que neles vive, neles sente e neles se reflete.

SOUZA

LEITURA COMENTADA

Nos princípios de Janeiro faremos uma leitura comentada deste Boletim.

Trata-se da leitura de todo o Boletim, artigo por artigo, com os comentários ou apreciações de todos os que estiverem presentes e que queiram fazê-lo, incluindo os próprios autores (os que puderem).

PREZADO CONSÓCIO:

NÃO FALTE À CHAMADA no dia que oportunamente anunciarmos, porque as suas opiniões podem ser-nos de grande utilidade.

Nos dias de infortúnio para as cores do Clube não dirija improperios aos nossos desportistas, pois é nesses momentos que eles mais precisam de incitamento e amparo moral.

VOLEIBOL

Vale a pena recordar neste número especial do nosso Jornal de Parede, comemorativo do aniversário do Clube, a experiência da Secção de Voleibol, hoje lamentavelmente inactiva. Vale a pena porque da sua existência, embora curta, algumas lições se podem tirar.

Do método seguido na prática desta modalidade desportiva muitos discordam ou pelo menos discordaram. No entanto e não obstante se tratar dum desporto pouco divulgado na provincia e que mesmo em centros mais populosos não é dos que arrastam para a sua prática uma massa grande de jovens, mobilizou entre nós algumas dezenas de rapazes... e raparigas.

Isto passou-se em 1950. Nessa altura não tínhamos, como não temos ainda hoje, uma equipa de júniores de futebol. Talvez em parte, mas só em parte, se deva a esse facto o êxito do voleibol entre nós.

Só em parte, porque a causa principal teria que ser de outra natureza, pois nesses mesmos anos se haviam afixado avisos convidando os rapazes em idade de júniores a inscreverem-se para a prática de futebol, sem que no entanto o número dos inscritos tivesse em qualquer altura sido elevado. Não sei mesmo se teria chegado, em alguma das ocasiões, à dezena. Como então justificar a presença de mais de quarenta praticantes no Voleibol, entre os quais onze rapazes com idade inferior a 18 anos, e nove raparigas?

Isto não aconteceu por acaso e não apareceu logo de início tão grande número de interessados. Foram poucos os iniciados. Sete? Oito? Não mais de dez.

Como se costuma proceder, duma maneira geral, quanto ao treino das modalidades desportivas? Convocam-se os interessados a comparecerem no campo de jogos, fazem-se experiências e ao fim de alguns treinos os que revelam qualidades continuam; os outros são dispensados; não interessam; não têm mais a possibilidade de voltar à prática da modalidade que gostam.

RECORDANDO

UMA
EXPERIÊNCIA

E ocorre aqui perguntar: será esta a forma de o Clube, qualquer Clube, justificar a sua existência de agremiação desportiva? Será esta a forma de servir os seus associados, os seus conterrâneos no Campo do Desporto? Ao que visa o Desporto? A organização de Equipas para colecionarem títulos de campeonatos e que tem por missão ganhar, ganhar de qualquer maneira, nem sempre de forma desportiva? Ou antes, ao desenvolvimento físico dos indivíduos, ajudando à criação de homens e mulheres sadios? Optamos por este último objectivo, mesmo na hipótese da não conquista de campeonatos, e entendemos que os Clubes Desportivos devem procurar facilitar o Desporto ao maior número de jovens, a todos quantos o desejem, procurando mesmo interessar os que se mostram alheios. Por isso queremos recordar o caso do Voleibol, que podia no entanto ter-se verificado com qualquer outra modalidade. Temos mesmo a certeza de que assim seria.

Enquanto houve Voleibol nos "AGUIAS", puderam praticá-lo TODOS quantos o desejaram. Houve mais de que uma Comissão responsável, sempre escolhida por todos os praticantes, independentemente da sua idade ou sexo, mas a orientação seguida foi sempre a mesma — possibilitar a prática do Voleibol a quem o pretendesse, mesmo que não revelasse qualidades para ser incluído em equipas representativas do Clube. E se queremos pugnar por melhor e mais Desporto, por Desporto para todos, essa é a linha que devemos seguir. De tempos a tempos, sempre que havia algo de interesse, todos os praticantes eram convidados a reunir em conjunto com a Comissão e as suas opiniões eram sempre tidas em conta. Isto ligava-nos mais à nossa Secção, pois nós

não nos limitávamos a praticar Voleibol — dirigimo-lo também; tínhamos disso plena certeza e tal facto dava-nos uma certa noção de responsabilidade. Se eramos nós que em tudo superintendíamos e tudo resolvíamos (ou pelo menos aqueles em quem delegávamos), como não cumprimos as nossas próprias deliberações? E era assim que os nossos treinos se realizavam das 7 às 8 da manhã, o que tem sido raro conseguir com o futebol. Era assim também que só muito raramente e sempre por motivo justificado havia faltas de comparência, tanto no que respeita a rapazes como a raparigas.

Para quando um esforço sério no sentido de se reorganizar esta Secção?

PINHÃO

A Mulher e o Desporto

(Parte de um artigo publicado pelo jornal "Jundo Desportivo" e que, com a devida vénia, transcrevemos)

Não sei se se conheceis ANN JOHNSON! É uma jovem inglesa campeã Olímpica, que afirmou um dia: «devo a vida ao desporto». Por isso ele terá sempre a minha gratidão, a minha simpatia e todo o meu esforço.

Desconheço as razões porque o desporto salvou a vida da jovem ANN. Mas sei que a sua alegria é de tal forma só, e de tal forma comunicativa, que os seus amigos e admiradores procuram-na como quem busca um remédio para boa disposição.

E' dela, também, esta confissão sincera: «não uso cremes, nem pó de arroz, não pinto as pálpebras, nem estudo os meus gestos. Mas pratico desporto, laço a cara com sabão e deixo que o ar puro dê o necessário brilho aos meus olhos».

E a expressão feliz que todos me conhecem vai dando ao meu rosto o alimento necessário à sua vitalidade.

Não sei até que ponto ANN JOHNSON terá razão, mas tudo me leva a crer que o desporto dá saúde ao corpo e à alma.

A saúde, por seu turno, transmite a alegria. A alegria embeleza, e a beleza é a aspiração suprema da mulher.

Ora, se assim é será bem fácil triunfar de vós próprias. Basta que olhem um pouco para vós para verificarem que o mal que as opoquenta é dos incuráveis.

E depois na ânsia de refúgio, procurem remédio numa tentativa sadia onde a vida vos possa renascer, onde o movimento actue a vossa circulação, renovando o sangue, matando a languidez que vos mata, destruindo a ansiedade que vos destrói! Ora essa tentativa encontrá-la-éis, como ANN JOHNSON, num caminho aberto e direito: O DESPORTO.

A. S.

Colabore no Jornal de Parede entregando, mensalmente, os seus artigos na Secção Cultural.

BILHAR

Tem esta modalidade, dentro do nosso Clube, muitas dezenas de praticantes, como foi verificado no Campeonato realizado há alguns anos, que reuniu mais de 30 concorrentes das diferentes categorias.

Posteriormente, talvez devido ao facto das atenções e esforços dos dirigentes se terem dedicado quase que inteiramente a duas modalidades desportivas, nada se tem feito para manter ou levantar outras, incluindo a de bilhar.

É este um caminho errado, reconhecido como tal, e é preciso corrigir o defeito, agora que vamos entrar no período do inverno, portanto o mais propício ao levantamento da Secção.

Nenhum desporto se deve abandonar, impedir ou dificultar a sua prática pelo facto de não ter milhares de espectadores ou não dar receitas de milhares de escudos.

É preciso, antes de mais, que haja milhares de pessoas a praticar desporto, sem olhar à modalidade que praticam, desde que ela seja a mais apropriada às condições físicas de cada cultor.

Sabemos que os Directores do Clube estão, por vezes, asoberbados com o trabalho que lhes dão algumas Secções, mas também não esqueçamos que poderiam delegar muito dele em sócios ou pequenas comissões que escolheriam para tal fim, incumbindo-os da organização do muito que se pode fazer.

Reavivando a prática do bilhar (e talvez bastasse, para tanto, a organização periódica de campeonatos inter-sócios) atingir-se-iam, simultaneamente, vários fins: manter e mesmo elevar o número de praticantes; aumentar a receita do Clube e elevar a frequência da Sede.

Quanto ao primeiro, o dos praticantes, nem se torna necessário falar dele, de tal forma são por todos reconhecidos os

seus benefícios. Na parte da receita basta dizer que se se conseguisse que os bilhares funcionassem diariamente mais uma hora cada, tal facto traduzir-se-ia por um acréscimo de rendimento de dois ou três milhares de escudos anuais.

No tocante a frequência, a parte que, para nós, não tem

menor interesse, talvez pudéssemos com isto melhorar aquele aspecto de abandono que muitas vezes sentimos ao percorrer a Sede.

Resumindo: uma Secção merecedora, portanto, de que façamos por ela o que ela merece.

ZÉCON FRADE

Com vista a uma Sede própria

Sempre defendemos a ideia de se nomear uma Comissão Pró-Sede, e, de uma maneira geral, sempre fomos contrários a obras de acaso, sem qualquer plano estudado, com vistas ao futuro.

Desde há 27 anos que se está vivendo no regime de fazer hoje para derrubar amanhã e, o que é pior, em imóveis que não nos pertencem e nos quais nunca será possível construir uma sede-ginásio, caminho por onde se devia enveredar, por ser o melhor.

Fazem-se uns arranjos com ideia em Sala de Baile e teatro, camarins, gabinetes e salas de jogo. Tempos depois tudo é deitado abaixo por impróprio.

Surgem depois umas divisões envidraçadas, novo balcão, outros palcos e a sorte foi a mesma — martelo da destruição. Novas obras, novas paredes, o Clube mais uma vez endividado, e, por cima, sem sala para pingue-pongue, sem gabinetes para reunião das diferentes comissões ou para oferecer, sequer, um pequeno lanche a desportistas, conferencistas ou outros que, por vezes, nos visitam.

E, tudo bem somado, consumiram essas obras, dos últimos vinte e sete anos, várias centenas de contos.

Só com grande dificuldade

e com cem por cento de boa vontade se pode admitir que a actual sede, sem quaisquer possibilidades de alargamento (admitindo mesmo a hipótese de um primeiro andar, na frente) servirá para instalar, mesmo modestamente, todos os serviços do Clube, atento o aumento de Secções, movimento associativo e tudo o mais que possa surgir.

Que fazer, pois? Suspender, de uma vez, todos os projectos de obras e nomear, em Assembleia Geral, uma "Comissão Pró-Sede" incumbida de estudar o problema e apresentar, dentro do prazo marcado, a melhor solução, com indicação de local, obras a fazer com carácter definitivo, custo provável do imóvel e das obras, e tudo o mais julgado conveniente.

Ter-se-ia defendido melhor o nosso Clube se desde o princípio se olhassem as coisas por este prisma, pois hoje já possuiríamos algo nosso — muito nosso — que valeria essas mesmas centenas de contos.

A ideia não é nova nem original, e fazemos votos para que se pense pô-la em marcha, seriamente e num futuro próximo.

Talvez baste um ligeiro impulso.

G P F

Nos dias de Festival desportivo vá ao Estádio: ajuda o Clube e anima as pugnas com a sua presença.

AS SECÇÕES

Na impossibilidade de obtermos colaboração de algumas das Secções do Clube, a seguir apresentamos uns breves comentários a todas elas.

BILHAR — Tem muitas dezenas de praticantes e realizou há 9 anos o "I Campeonato inter-sócios", com a participação de quase 40 concorrentes. Depois disso não mais foi incentivada a sua actividade, se bem que nunca tenha sido interrompida.

CAMPISMO — Secção que chegou a ter 16 inscritos, número bastante bom dentro da modalidade. Participou nos "2.º Acampamento Nacional", em Santarém, no "I Acampamento do Benfica", em Loures e no do "Entroncamento", na Quinta da Cardiga, tendo ainda realizado o "I Acampamento de Alpiarça", na Cardeira, com a presença de vários Clubes.

Tem suspensa, temporariamente, a sua actividade.

CICLISMO — Esta Secção recebeu grande incremento nos últimos 3 ou 4 anos, tendo marcado posição de relevo e conquistado bons troféus para o Clube.

Os seus 5 praticantes foram às seguintes provas:

1950 — 5 Voltas ao Campo — Volta a Santarém — Circuito de Alcanhões — 1.ª pedalada.

1951 — Campeonato Regional do Sul — Campeonato Nacional de Amadores Jrs. — II Circuito Cascais — Circuito Bombarral — Circuito Moscavide — I Lisboa-Alpiarça — II Circuito Matinhos — I Lisboa-Bombarral — Marmeleira — IV Circuito Rio Maior — V Volta ao Algarve.

1952 — Prova Abertura — Campeonato Regional — Campeonato Nacional de Júniores — Circuito de Matinhos — Costa do Sol.

1953 — Prova de Preparação — Campeonatos Regionais de Seniores e Júniores — Campeonato Nacional — Circuito da Galiza — Moscavide — Costa do Sol — Prémio Pirelli e outras não especificadas.

CICLOTURISMO — Outra Secção que também tem levado bem longe o nome de Alpiarça. Além de numerosas visitas a diversas localidades do continente e do apoio dado à equipa de futebol em jogos fora de casa, efectuou as seguintes provas:

1950 — Visitas ao Clube Oriental, Sporting, Benfica e Casa do Ribatejo, em Lisboa; União Operária, Recreativa Operária, Empregados no Comércio, "Os Leões" e Clube Guilherme de Azevedo, em Santarém. A convite da A. Ciclismo Sul visitou Alcábaldeche, sendo louvada pelo comportamento dos seus elementos.

1951 — Prova de Regularidade da Assoc. Cicl.º Sul (4 primeiros classificados). Visitas ao Núcleo Campista "O Amanhecer" e ao Barreiro.

1952 — Visitas ao Cartaxo, ao Monumento a Duarte Pacheco, a Carlos Pinhão Correia, ao Belenenses (pelo seu aniversário), a Alcábaldeche, onde conquistou uma taça.

1953 — Visitas a Arrentela (a convite de o "Mundo Desportivo"), a Peniche, ao Alverca Futebol Clube (pelo seu aniversário), ao Sanatório onde está internado Manuel Amor (mudo).

O total dos percursos individuais é já superior a 4.000 km. De salientar a presença, entre os seus componentes, de alguns elementos femininos.

CULTURAL — Secção fundada em 1942, mantendo, desde então, uma biblioteca que conta presente-mente cerca de 1 400 volumes, distribuídos por 24 secções diferentes, os quais facultaram já muitos milhares de leituras domiciliárias. Realizou numerosas conferências, leituras comentadas, palestras, exposições de livros e sessões de cinema cultural. A biblioteca está instalada em gabinete privado, mas as suas instalações requerem grande modificação. Edita mensalmente um Jornal de Parede ou Mural.

FUTEBOL — Com a vinda de um treinador tomou esta Secção grande incremento e possibilitando a entrada no Campeonato Regional da II Divisão de 1952 e 1953-54. No primeiro classificou-se em 1.º na 1.ª fase e em 5.º na 2.ª fase. Na presente época está classificado em 2.º lugar nos jogos realizados até 20 de Novembro.

Nota-se a falta de uma Escola de Jogadores e de um Grupo de Júniores.

Anteriormente a 1951 havia tomado parte em diversos campeonatos de menor importância e alguns torneios.

GRUPO CÉNICO — Embora deva estar integrado na Secção Cultural, teve vida própria e realizou alguns espectáculos em 1952 e 1953. Há vários anos existiu um seu antecessor que depois se extinguiu, depois de duas ou três séries de espectáculos. A maior dificuldade na sua continuidade reside, principalmente, na falta de ensaiador.

PATINAGEM — Secção que teve o seu apogeu há 6 anos, conseguindo reunir bom número de praticantes. Presentemente está "esquecida", o que é de lamentar, pois a sua manutenção é pouco dispendiosa.

PINGUE-PONGUE — Reuniu certo número de entusiasmados e alguns habilidosos praticantes, correu a diversos campeonatos e realizou várias provas inter-clubes, destacando-se, entre outras: "I e II Campeonatos da Casa do Ribatejo", com o Clube Recreativo Alpiarcense, com Abrantes, Almeirim, Chamusca, Santarém Tomar e Torres Novas.

Agora está praticamente "morta" devido, em parte, a falta de sala própria. O salão onde estão as mesas tem sido necessário para outros fins impossibilitando a sua prática. A sede não reúne condições para manter simultaneamente esta modalidade, o Grupo Cénico e o Curso de Francês, como ainda para praticar pingue-pongue em dias de festa.

VOLEIBOL — Modalidade muito interessante que conquistou numerosos praticantes dos dois sexos, facto este bastante de salientar, atento o meio em que o mesmo se verificou. Não é desporto rico, com grandes receitas, mas é capaz de estender os seus benefícios a muitas dezenas de jovens, sendo, talvez o que mais convenha a certos organismos, ou aquele de que mais gostam alguns desportistas.

Por outro lado também a despesa para o manter é diminuta.

Eis porque é de aconselhar um imediato começo da sua actividade.

Engrandeça a Biblioteca do nosso Clube oferecendo-lhe livros.

PEQUENOS MUNDOS E PEQUENOS POVOS

Na revolução constante das grandes descobertas, a ciência tem conseguido prodígios que transcendem aquilo que em horas de sonho muitos tenham imaginado.

A engenharia, a arquitectura e a química têm evoluído tanto nos últimos anos, que tudo parece caminhar para um mundo de perfeição.

Isto vem a propósito de vos contar, caro leitor, que nam mando à parte daquele em que vivemos, existem pequenos povos que há milénios, dentro das maravilhas das suas cidades, sem recorrerem à engenharia ou à química, resolveram prodígios de tal ordem, que ainda hoje e sempre hão-de constituir motivo da nossa admiração.

Quando por acaso passamos por um colmeia, temos sempre a precaução de passarmos de largo, não queira o diabo que um ser minúsculo, armado de dardo bem afiado, ponha a correr, na melhor desordem, outros seres milhões de vezes mais fortes, que, mesmo utilizando todas as armas de que possam dispor, naquele crucial momento, nem sequer sabem a direcção a tomar, pois em tão difícil situação, dão por vezes tantas voltas erradas, que acabam por ir parar ao mesmo sítio, atirando finalmente com o chapéu ao ar, em manifestações desordenadas, por desocórdo com as ofensas recebidas, e, no outro dia, nem sequer aparecem aos amigos, por vergonha das mazelas expostas.

Depois desta pequena digressão, aproximamo-nos cuidadosamente da colmeia, rodeados de todas as precauções e vamos, serenos e confiados, tentar conhecer mais de perto aquilo que anda por muitos ignorado. Com fumo e gestos brandos, de maneira a não irritar os habitantes, vamos entrar na maldita cidade, observar o que por lá se passa, e, com o olhar atento às pequenas coisas, talvez acabemos por ver coisas muito grandes. Levantamos um quadro e observamos que os alvéolos, simetricamente dispostos, com os seus hexágonos perfeitos, onde não existe um erro de cálculo, trabalhados sem compasso e às escuras, formam um conjunto tão homogéneo e resistente que, sendo simplesmente de cera, uma área de 8

(Dissertação sobre a vida das abelhas)

decímetros quadrados, pesando à volta de 100 gramas, suporta 2 quilos de peso, quando cheios de mel operculado. Notamos então que, sem instrumento algum, sem materiais de cimento armado, trabalhando somente com a boca, as mãos e os pés, elas fizeram um prodígio que a engenharia dos homens, utilizando os seus próprios recursos, não é capaz de resolver, e isto já foi resolvido na noite dos séculos. Agora olhamos para dentro dos alvéolos e vemos brilhar o tesouro que encerram, obtido por muitas horas de lida insana nos nectários das flores, cujo néctar, depois de sugado pela laboriosa abelha e transformado no laboratório do seu estomago em precioso mel, é regorgitado pela tromba para dentro dos alvéolos, e nestes, quando cheios e depois de ventilados para evaporação das partículas aquosas, são introduzidas pequeninas quantidades de ácido fórmico, igualmente elaborado em órgãos especiais do seu laboratório, para a conservação do mel, sendo seguidamente operculados pelas ecriceiras encarregadas de tais serviços.

Tudo isto elas fizeram sem instrumentos complicados, sem o recurso de fórmulas químicas, utilizando somente um líquido açucarado que transformam no precioso mel, e, assim, milhares de anos antes que os homens tivessem feito os grandes avanços de hoje, já milhares de insectos industriais fabricavam uma substância maravilhosa, cujo segredo ainda não foi descoberto.

Mesmo na orientação têm os sábios descoberto aparelhos que indicam com precisão qual a direcção a seguir, quando se viaja por mar ou pelo ar, porque em terra todos podem caminhar com segurança, seguindo pelas estradas.

Tiramos agora o homem da estrada, vedamos-lhe os olhos e transportamo-lo para densa floresta, em dia encoberto, e observamos o seguinte: Começa por olhar para todos os lados sempre hesitante, acabando por seguir ao acaso, e por vezes, depois de muito caminhar, fica admirado de vir parar ao mesmo sítio. Fazemos agora a experiência com algumas abelhas

capturadas no apiário e lançadas numa caixa, tendo previamente enfiado o abdómen, para se conhecerem depois da viagem, e veremos que depois de transportadas, às escuras, para qualquer sítio, num raio de acção de 6 a 8 quilómetros, quer sejam largadas numa floresta ou em pleno campo despidido de árvores, em dia encoberto ou soalheiro, elas tomam logo, passados poucos segundos, a direcção infalível do apiário. Isto sucede com as abelhas e com os pombos correios que têm igual sentido de orientação.

Sobre a vida e a inteligência das abelhas muito há que contar; ao seu estado se têm dedicado grandes sábios, às suas virtudes se têm dedicado grandes poetas, avolumando entre todos Maurício Maeterlinck com a sua magnífica obra "A Vida das Abelhas", livro que recomendamos àqueles que gostam destas coisas, pois nos seus capítulos, segundo diz Cândido de Figueiredo, o nosso espírito se enriquece como num tesouro de verdades, e a nossa imaginação se embala nas ondas harmoniosas do desmedido oceano, que se chama natureza.

J. BARREIRA NEVES

A todos os amigos que possibilitaram, com os seus anúncios, a distribuição gratuita deste Boletim daqui endereçamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Frequente a Sede de "OS ÁGUIAS". Jogue Bilhar e Pingue-Pongue.

Desportos e Educação Física Feminina

Apontamentos

Embora o desporto feminino não seja ainda praticado entre nós em grande escala é animador verificar que há em Portugal um número já razoável de mulheres que pondo de parte uma série de preconceitos e de princípios tacanhos, pratica desporto. O seu número é tal que existe em Lisboa um Clube feminino de Desporto — O Ginásio Feminino de Portugal. Mas em muitos outros Clubes há mulheres que praticam diversas modalidades desportivas. Para dar uma ideia do actual desenvolvimento do desporto feminino aí vão os nomes de alguns Clubes onde ele se pratica: Ateneu Comercial de Lisboa, Clube de Futebol "OS BELENENSES", Sport Algés e Dafundo, Associação Académica da Amadora, Hoquei Clube de Sintra, Atlético Clube de Portugal, Ginásio Clube Português, Lisboa Ginásio Clube, Sporting Clube de Oeiras, Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal, Sporting Clube de Espinho, Bairro de Inglaterra Atlético Clube. Mas não só na Metrópole isto se verifica. Também nas Colónias a mulher desperta para as práticas desportivas. É do nosso conhecimento que no Sport Benfica e Moçamedes, Clube Ferroviário de Luanda e Associação dos Naturais, a mulher pratica desporto. E nós, que bem conhecemos neste aspecto as aspirações de algumas jovens da nossa terra e que sabemos das suas dificuldades em romperem com preconceitos e "pareces-mal", daqui saudamos aquelas mulheres e aqueles Clubes que bem compreendem a época presente e o lugar que a mulher compete no mundo de hoje e a necessidade que tem, como companheira do homem e mãe consciente que pretende ser, de se tornar saudável e de procurar, por meio do desporto e da ginástica, melhor preparar o seu organismo para o difícil papel que desempenha na procriação dos seus filhos.

Apesar de um certo atraso em que neste capítulo nos encontramos, foi já possível realizar em Lisboa três Festivais Desportivos Femininos, em 1951, 1952 e 1953; foi já possível mandar representações femininas ao Festival Internacional de Florença, aos Jogos Olímpicos de 1952 e mais recentemente à Gymnastrada de Amsterdão. Mas quanto estamos longe do que neste aspecto se passa noutros países como, por exemplo, na Itália que a apresentou mais de 5.000 mulheres (cinco mil!) no Festival de Florença de 1951, ou na Suécia onde a mulher pratica em larga escala a ginástica! Neste último país existem cursos de ginástica oficiais e gratuitos nas fábricas, escritórios e escolas, havendo estabelecimentos de ensino que chegam a ter 2 e 3 ginásios e funcionam cursos destinados às donas de casa, que são frequentados por mulheres dos 25 aos 80 (1) anos.

Estamos ainda no principio, é certo, mas se assim sucede isso se deve em grande parte à própria mulher portuguesa que não conseguiu ainda romper com um sem número de preconceitos e barreiras de toda a espécie.

E para finalizar, um voto: — Que as jovens portuguesas saibam conquistar para si o direito ao Desporto, o direito a uma vida sã, racional e justa, que valha a pena ser vivida.

CARLOS PINHÃO CORREIA

Alguns dos livros que se recomendam e que estão à sua disposição na

BIBLIOTECA

- OS MAIAS
de Eça de Queiroz
- VIDAS SECAS
de Graciliano Ramos
- A LÃ E A NEVE
de Ferreira de Castro
- O NAVIO DENTRO DA CIDADE
de André Kedros
- GAIBEUS
de Alves Redol
- A SÉTIMA CRUZ
de Anna Seghet
- MADAME CURIE
de Eva Curie
- O ESPIÃO
de Máximo Gorki
- O CHAPÉU DE TRÊS BICOS
de Pedro Alarcon
- ESTEIROS
de Soeiro Pereira Gomes
- O AMOR A' VIDA
de Jack London
- A TERRA DE QUE PRECISA UM
HOMEM
de Leão Tolstoi
- O HOMEM E O LIVRO
de M. Iline
- A VIDA INTEIRA
de Sally Salminen
- ROSA DOS VENTOS (Poesia)
de Manuel da Fonseca
- COMPANHEIRA DOS HOMENS
(Poesia)
de Sidónio Muralha
- FAISCA CONTA A SUA HISTÓ-
RIA (Conto Infantil)
de Ilse Losa
- A SELVA
de Ferreira de Castro
- A CRIANÇA
de Maria Montessori

Nenhuma Secção de Clube deve deixar de existir. Todas devem de ser mantidas e desenvolvidas. Elas são a sua verdadeira riqueza, são a razão de ser, são o que justifica a sua existência.

Grupos Cénicos

Devem as Colectividades amparar, facilitar e até tomar a iniciativa da criação de Grupos Cénicos privados.

E, embora a sua existência tenha tido, a maior parte das vezes, um carácter temporário, com o fim de aliviar de dificuldades a situação económica, verdade seja que eles são um excelente, um autêntico meio de elevar o nível cultural dos seus componentes, um veículo real de aproximação entre famílias, de camaradagem entre intérpretes, de maior convívência entre sócios e, por isto mesmo, deve procurar dar-se-lhe um carácter permanente.

Não ignoramos as muitas dificuldades a vencer e as vicissitudes de toda a ordem que surgem até à constituição do Grupo, depois na escolha de peças capazes, na distribuição adequada dos papéis, nos ensaios, culminando, atingindo o grau de maior acuidade, momentos antes da primeira representação, com entraves de desanimar os mais tímidos.

Não desconhecemos o trabalho, as canseiras e a paciência que são necessárias para levar a nau por bom caminho, num mar que, se por vezes é de bonança, outras é de tempestade.

Mas também sabemos que a satisfação de ter contribuído para melhorar o grau de cultura de uns tantos, ao mesmo tempo que o próprio, de ter proporcionado — dentro do que se permite — alguma receita para os Clubes, são motivos que, no íntimo das consciências ainda puras, justificam absolutamente todas estas canseiras.

As Colectividades, como as Nações, também precisam, para progredirem, de quem trabalhe por elas, desinteressadamente, à semelhança de toda essa legião de cientistas — homens, afinal — que consomem a vida procurando, sem interesse material, melhorar a vida da humanidade — nós todos, afinal — sem que nós o reconheçamos, sem que nos lembremos, sequer, de lhes agradecer.

O trabalho de todos os que compõem os Grupos Cénicos, quer independentes, quer integrados em Colectividades, também não foge à regra. Mas isto, cremos bem, não constitui motivo, não é argumento de peso para deixar morrer uma obra onde se podem desenvolver dotes artísticos, aprender ou melhorar a arte de dizer, aprofundar o número de conhecimentos, cultivar amizades, viver, enfim, meses consecutivos de intenso convívio e franca camaradagem.

E depois, quando a sua organização passa a ter um aspecto mais sério, também aparecem os resultados financeiros, que nem sempre são para desprezar. Lembremo-nos de dois grupos que viveram há 17 e 15 anos, cujas representações, numa época apenas, renderam cerca de 20 e 15 contos, respectivamente.

Não serão tudo isto motivos de sobra para se levantar o Grupo Cénico de « OS ÁGUIAS »?

GABRIEL

Temas de Futebol

Com o início de mais uma época de futebol levanta-se novamente a questão das «Escolas de Jogadores» e das «equipas de júniores». Isto porque, por um lado, Clubes como o nosso não podem estar atidos ao renovo das suas equipas por aquisição de elementos de outras Colectividades, dado que isso quase sempre acarreta dispêndio de verbas com as quais só muito dificilmente podem arcar, e que há possibilidades de empregar de melhor forma, como por exemplo na manutenção regular de uma escola de jogadores, que nos dará uma igual, senão melhor, possibilidade de substituição dos elementos que se vão retirando da prática desportiva. Isto também porque, por outro lado, cumpriremos melhor a nossa missão de Clube local dando possibilidade à juventude da terra de praticar desporto. Pelo facto de não nos termos até aqui interessado a sério por esta iniciativa, já temos tido a necessidade de pedir a Clubes de outras localidades que nos dispensem jogadores nascidos, ou de longa data residentes em Alpiarça, que à falta de termos nós uma equipa de júniores, procuram noutros Clubes a possibilidade de praticar desporto. E' certo que o facto de a época de futebol se iniciar no final de cada gerência poderá ser um obstáculo, porque uma Direcção que meta ombros a esta iniciativa talvez não venha a ver, durante o seu mandato, os frutos do seu trabalho, pois os valores que num ano se revelam só no ano seguinte, duma maneira geral, virão a ser aproveitados. Isso, porém, não deve constituir entrave, pois a obra vale por si mesma e quem a realizar terá em muito contribuído para o melhoramento das futuras representações do Clube. E' tempo, pois, de encarmos a sério este problema.

Mas quererá isto dizer que se não admita a possibilidade de transferência, a título excepcional, de um ou outro jogador de Clube estranho, para o nosso? Não. Uma coisa não se põe como alternativa da outra. Mas o que devemos ter sempre presente é que as equipas representativas de « OS ÁGUIAS » devem ser constituídas à base de pessoas que façam a sua vida em Alpiarça, de pessoas aqui residentes. E teremos muito por onde escolher se abrirmos o campo do desporto a toda a população da terra, se mantivermos uma equipa de júniores e se criarmos uma escola de jogadores.

CARLOS

Desporto popular não é o que é VISTO por grandes multidões, mas tão somente aquele PRATICADO por muitos milhares de pessoas.

NATAÇÃO

UM DESPORTO A PRATICAR

Fomos um país de navegadores que deu novos mundos ao mundo, temos centenas de quilómetros de costa em contacto com o mar, dispomos de um sem número de rios onde construir praias fluviais, estamos, enfim, em contacto com a água... mas não sabemos nadar.

Numa campanha recentemente levada a cabo por um clube náutico dos arredores de Lisboa, para o desenvolvimento da modalidade, adoptou-se, como lema, que "saber nadar é tão útil como saber ler".

É uma frase feliz que encerra todo um mundo de verdade. Já na antiguidade, os romanos quando queriam referir-se desprezivelmente a qualquer homem diziam dele: — "não sabe ler, nem nadar".

Sendo a natação um desporto que proporciona o desenvolvimento harmónico de todos os músculos, com movimentos rítmicos e artísticos, tanto dos membros superiores como inferiores, ele é ainda como que o complemento desportivo de todos aqueles que praticam certas modalidades, onde só alguns músculos têm exercício.

E, além de saudável, pode ser de grande utilidade, considerada até como necessidade social, já que basta a sua função salvadora, a possibilidade de salvamento de uma única vida para o justificar sobejamente.

Ainda muito recentemente os jornais noticiaram o caso de um homem que assistiu, impotente, à morte da esposa e dois filhos que haviam caído à água... por nenhum dos quatro saber nadar.

E não falamos de muitos factos históricos, verdadeiras proezas, que só foram possíveis pelos seus autores saberem nadar. Isto mesmo na nossa história. Um plano criteriosamente estudado olhando à prioridade que devessem ter as obras desportivas em função da sua utilidade prática e onde fosse possível obter maior número de cultores, talvez tivesse permitido termos já uma piscina modesta, não dizemos de 50 ou 33 l/3 metros, mas ao menos de 25 metros.

Mas se, mesmo assim, ainda não fosse viável, para já, a sua realização, poder-se-ia, pensar, ao menos, numa pequena piscina infantil (tamos à dizer um "tanque" rectangular com a inclinação necessária) onde se ensinassem a nadar todas as crianças — rapazes e raparigas — das escolas e, desta forma, ficaria resolvida boa parte do problema. Nos adultos pensar-se-ia de seguida.

E não cremos que alguém, com espírito construtivo, tivesse argumentos para contrapor à obrigatoriedade das crianças saberem nadar.

Em alguns países europeus faz parte do exame escolar uma prova de natação, na qual as crianças vão ao fundo da piscina buscar objectos ou bonecos com o seu tamanho e peso, — espécie de exercícios de salvamento.

Cremos não serem necessárias mais considerações demonstrativas das vantagens da prática natatória: salvamento de pessoas em risco de perecer, desportos aquáticos, mais equilibrado desenvolvimento físico, etc., etc.

Oxalá este nosso artigo contribua para se pesarem bem os prós e os contras de qualquer modalidade, dando a

A Biblioteca e as suas Secções

Consócio amigo:

NAS 24 SECÇÕES que compõem esta tua Biblioteca encontrarás, de certo, qualquer obra que te pode interessar.

Abaixo te indicamos três ou quatro de cada uma.

AGRICULTURA

Aproveitamento da Fruta
O Vinho

ARTES E OFÍCIOS

Curso de Electricidade Prática
Cerralharia Civil
Carpintaria Civil
Escadas de madeira (4 fascículos)
Cimento Armado

BIOGRAFIAS E MEMÓRIAS

Pasteur
As minhas Aventuras pela Europa (Charlot)
A Vida de Miguel Angelo

CIÊNCIAS E TÉCNICAS

A Origem da Vida
A Vida e os seus Problemas
A Formação da Terra
A Geometria ao Alcance de toda a Gente
Como da Noite se fez dia

CLASSICISMO

D. Quixote de la Mancha
As Mil e uma Noites

CRÍTICA LITERÁRIA

Iniciação Literária
Sobre o Romance Contemporâneo
Pequena História da Literatura Portuguesa

DIVERSOS

A Criação do Pombo
200 Partidas de Xadrés
As Farpas

DOCUMENTOS E REPORTAGENS DA NOSSA ÉPOCA

Esta hora Dramática da Vida Italiana
O Mundo em que vivi
A Guerra Secreta Pelo Algodão

ECONOMIA E SOCIOLOGIA

O Problema do Ouro
As Cooperativas
Quanto Custa a Guerra

EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA

Modernas Tendências da Educação
Aspectos Sociais na Educação Profissional
O Sincretismo Infantil

FILOSOFIA E RELIGIÕES

O Cristianismo e a Mensagem Evangélica
Os Sistemas Filosóficos
Religiões Primitivas
A Crise da Europa

HIGIENE, SEXUALIDADE E PUERICULTURA

O Guia das Mães
A Tragédia Biológica da Mulher

Bases da Alimentação Racional

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

História de Portugal
O Homem e o Livro
Os Grandes Estadistas Nacionais

INFANTIL

História dos Comboios
Branca de Neve e os Sete Anões
O Pato Donald e a D. Hortênsia
Os três porquinhos

LINGUA PÁTRIA

Manual da Língua Portuguesa
Como se Aprende a Redigir
Lições Práticas da Língua Portuguesa

NEO-REALISMO

Fanga
As Vinhas da Ira
Terra Bendita
Angústia
Engrenagem

POESIA

A Velhice do Padre Eterno
Só
Sonetos Completos de Antero

POLICIAL E AVENTURAS

O Barco dos Mortos
Viagem ao Centro da Terra
Qual dos Cinco?
Cinco Semanas em Balão

POVOS E CIVILIZAÇÕES

Civilizações Primitivas
A China antiga e Moderna
As Raças Humanas
A Holanda

REALISMO

O Primo Basílio
O Barão de Lavos
O Crime do Padre Mouret
Nada de Novo na Frente Ocidental

ROMANCE HISTÓRICO

Eurico, o Presbítero
Quo Vadis?
Ben-Hur
A Revolta dos Escravos

ROMANTISMO

O Tio Goriot
Guerra e Paz
Vermelho e Negro
O Juiz
Jean Cristophe

VIAGENS E COSTUMES

Relance da Alma Japonesa
Pequenos Mundos e Velhas Civilizações
Imagens do Alentejo

cada uma o lugar que lhe compete, sem prioridades indevidas.

Foi dentro deste princípio que traçamos estas linhas e fazemos votos para que o assunto seja encarado de frente,

para gáudio dos miúdos, satisfação íntima dos pais, utilidade de todos e enriquecimento do nível físico da Nação.

Um livro de Física, de Química, de Matemática é obra que, por vezes, tendes em casa e não vos faz falta e que ficaria bem nas estantes da nossa Biblioteca. Oferecei-a.

PARA A MOCIDADE

RECORDAR É VIVER...

O Rancho Folclórico "OS ÁGUIAS"

Nestas páginas do número especial deste jornal, comemorativo do 31.º aniversário do nosso Clube, creio não ser demais, nestas simples e breves linhas, trazer à memória da Mocidade de agora, o que foi, e o que hoje podia ser o Rancho Folclórico "OS ÁGUIAS". Seis anos decorreram. Se bem que numa idade um pouco avançada, a recordação é fácil, na mocidade presente, e portanto aquela que o quiser pode e deve reconstruir uma inelativa aquela para quem hoje mais me dirijo, é necessário avivar-lhe a memória que creio nalguns não ser preciso.

Vamos fazer uma marcha?... eis a pergunta de uma rapariga, numa simples conversa, e que veio a ser uma bellissima componente, com iniciativa pouco vulgar de se encontrar. Esta pergunta alastroa, o entusiasmo propagou-se de boca em boca e por todos os lares, em especial os mais entusiasmados de tal pensamento. "Pelas mesas dos cafés e pelas esquinas ia-se criticando destrativamente"...

Ideias, sugestões, reuniões, e não tarda que dentro de poucos dias o Salão do Clube dos "ÁGUIAS" estivesse transformado em sala de ensaios. A resposta estava dada àquela componente que dias antes a tinha feito. — Vamos fazer uma Marcha. Nada faltou. Arcos e balaões, música e muita música, foguetes e morteiros, e os sorrisos alegres das raparigas e dos rapazes davam a nota vibrante de um sonho realizado. Elas e eles, valdidos do seu trajar e da sua posição, sentiam-se, com razão, orgulhosos mas sem vaidade.

Assim, no S. João e no S. Pedro do ano de 1947, saía dos "ÁGUIAS" a marcha para a rua. Depois de tudo isto, surge outra pergunta: Vamos formar o Rancho Folclórico dos "Águias"? A resposta foi dada em coro e com vibração: — Ia-se formar o rancho dos "Águias". Seguiram-se os ensaios com novos números de música e versos, trajos novos, resolução de outros assuntos que se venceram, parte deles com dificuldade, etc., etc... Formado o Rancho, deu o seu primeiro espectáculo, em 28 de Setembro de 1947, com geral agrado, no Jardim Público de Al-

piarça, em benefício da Misericórdia local.

Seguiu-se novo espectáculo, nas Festas de Vale de Cavalos, com novo triunfo. Terceiro espectáculo, em Alpiarça, no jardim público, também em benefício da Misericórdia, em 12 de Outubro de 1947. Estava-se assim numa data da entrada do Inverno. Que fazer? .. Maita coisa. O mesmo grupo vai ensaiar uma récita. Presta, com esta organização, benefício para os pobres, nome para o nosso Clube e para a nossa terra.

Para descanso, pois há cinco meses que não se pensava noutra coisa, tivemos um período de uns dias de descanso... que infelizmente se alastroa por uns anos, e hoje, se o Rancho morreca, restam umas fotografias e uma saudade que não morre. Saudades dos ensaios, saudades das arrelias, saudades do tempo perdido. De tudo há saudades. Elas ficam mais gravadas ainda quando tudo corre na maior harmonia possível, na maior amizade, na maior estima, na maior seriedade, como sempre tudo decorreu. Há sempre a saudade dos

momentos passados. É assim que se estimam rapazes e raparigas.

Amigos como irmãos, que se vêem numa forma diferente, que se falam amigavelmente, que aprendem o que nunca aprenderiam, que vêem o que nunca talvez veriam, em passeios, excursões, em espectáculos, em banquetes, etc., e que são olhados por todos, como nunca o seriam.

Assim rapazes e raparigas, termino com um simples conselho. Quando os convidarem para qualquer organização deste género, um Orfêo, um Grupo Coral, feminino ou masculino, etc. respondam sempre "presente", mas, ao responderem e tomarem responsabilidade pela vossa palavra, meditem bem. Entrem de frente erguida, respeitem todos absolutamente sem excepção, e as ordens do vosso ensaiador, director e outros elementos que dirijam.

Só assim, poderão levar à frente o trabalho a que querem meter ombros.

Alpiarça, Setembro de 1953.

A. FLOR

"Os Águias" no desporto do pedal

Ao passar o trigésimo primeiro aniversário do nosso Clube, veio-me à mente escrever algumas linhas sobre o que tem sido a nossa actividade, no desporto do pedal.

Sendo "OS ÁGUIAS" fundado para a prática do futebol, cedo começou também praticando ciclismo. Recordo, ainda bem, apesar de serem já passadas algumas décadas, o fervor que já nesse tempo existia por essa modalidade de desporto, onde, posso afirmar sem receio de desmentido, tivemos dignos representantes.

Não vou aqui enumerar os nomes de todos os corredores, que, com o seu esforço, contribuíram para que "OS ÁGUIAS", desde há longos anos, esteja representado no ciclismo Nacional, mas sim focar dois, Manuel Simões e José Rodrigues, que, quanto a mim, foram os que, em épocas passadas, levaram a todos os recantos de PORTUGAL, a nome de "OS ÁGUIAS" e o da nossa terra.

Presentemente, possuímos um lote de corredores que são o orgulho da nossa terra e a admiração de uma grande parte do País, e, sem desprimor para os restantes, seja-me permitido destacar José Domingos e Anibal da Costa, por serem, entre tantos corredores portugueses, aqueles que, por mérito próprio, conquistaram a grande honra de representar o ciclismo Nacional em Milão.

Nessa competição Internacional, alcançaram os nossos atletas uma posição modesta, é certo, mas que, todavia, podemos considerar bastante honrosa para nós. Creio, no entanto, que a classificação conseguida, não seria possível, se os nossos rapazes, em cada pedalada e em cada metro percorrido em terras de Itália não levassem bem gravados dentro de si, os nomes de "OS ÁGUIAS" e de Alpiarça.

J. NAZARÉ

Vá às Assembleias Gerais do Clube e dê a sua opinião sobre as propostas apresentadas ou os assuntos em discussão.

PESCA DESPORTIVA

O recente concurso que o Clube dos Amadores de Pesca de Alpiarça realizou em Julho, no seu reservado do rio Alpiçoillo ou Canal de Alpiarça, com a participação de 202 concorrentes, representando 14 Clubes (de estranhar a ausência dos ÁGUIAS"), número que nunca vimos em nenhum dos concursos a que temos ido, permitiu-nos tirar algumas ilacções sobre o comportamento dos Amadores de Alpiarça em relação ao tipo de prova que se estava realizando.

Verificou-se, antes de mais, uma grande falta de adaptação, talvez pelo hábito, já quase tornado vício, de se pretender apanhar apenas peixe grande, como no "concurso de toda a época", que anualmente o Clube organiza.

Ali tinha mais valor a quantidade do que própria-mente o tamanho e todos "caímos" nos Pegos do "Carril" e da "Ponte", onde é costume entalar os grandes "cacholas". O resultado foi uma derrota estrondosa para o Clube organizador, não obstante ter apresentado 75 concorrentes, número este superior ao dobro de qualquer outro Clube.

Destes 75 apenas 26 (34%) registaram pescado com um total de 94 (3,6 peixes/concorrente) enquanto:

Azambuja	trouxe 12 conc. e 9 (75%) captor. 37 ex. (4,1 peixes/conc.)
S. L. e Benfica	> 20 > e 15 (75%) > 98 > (6,5 > >)
C. A. P. P.	> 37 > e 33 (89%) > 395 > (9,2 > >)
Arreios	> 4 > e 4 (100%) > 33 > (8,25 > >)

A Académica de Santarém, Cascais, Castelo Branco, Évora, Vila Franca de Xira (2 Clubes) e Tomar (2 Clubes) também enviaram representações.

Por outro lado também vários e várias concorrentes de Almeirim, Santarém e Lisboa se inscreveram pelo C. A. P. A. (Alpiarça) do qual aliás são sócios.

Se a nossa representação tivesse a média C. A. P. P., não só no número de concorrentes com peixe registado, como no número de exemplares por concorrente, teria inscrito um total aproximado de 615 peixes, em vez de 94...

O próprio Benfica, com uma representação 75% inferior à nossa, ainda registou mais 4 exemplares que nós.

Não podemos atribuir o insucesso ao dia, ao vento, à hora, à lua e a tantas outras coisas parecidas, como fazemos quando "apanhamos"... uma "grade", porque ali as condições eram iguais para todos.

Devemos, sim, fixá-las num conjunto de outros factores defeituosos, que necessário é serem corrigidos para casos semelhantes. Entre os principais citaremos a "falta de mobilidade" do pescador e o "tipo de aparelhagem".

Como causa do primeiro (falta de mobilidade) é de apontar o facto de quase todos nos termos apresentado com 2 canas, outros ainda com espêto para cana, um chapéu de sol, o suporte para o chapéu, um

1.º CONCURSO DO C. A. P. A.

banco, um camaroeiro (ou bicheiro), um saco mais ou menos chelo de bugigangas,

um casaco, etc., etc.

E o que sucede? Quando se pretende mudar para outro ou outros pesqueiros temos que carregar com tudo aquilo e, por vezes, não o fazemos por isso mesmo. Em comparação vemos outros colegas com uma cana leve, umas botas e a caixa com iscos, "procurando o peixe" e não esperando que este os procure.

Picada aqui, picada ali, capturando aqui um, outro acolá, e, ao cabo e ao resto, "apanhando"... as taças todas.

O outro factor — tipo de aparelhagem — tem também grande importância, e nós não o temos querido ver. Enquanto os nossos concorrentes usaram linha entre 0,50 e 0,55 mm. (alguns ainda foram até 0,50) os de outros Clubes não ultrapassaram 0,30 com predominância de 0,20 e 0,25. Os anzóis e as boias estavam todas na mesma proporção.

Vimos muitas destas últimas tão leves como uma pena e muito finas (nos concorrentes de outros Clubes) enquanto alguns do C. A. P. A. apresentaram boias que, sem exagero, eram 15 a 20 vezes mais volumosas.

Seria o mesmo que um caçador matar pardais... com uma metralhadora!!!...

Embora Alpiarça já tenha conquistado bons lugares e bons prémios noutros concursos, e frente a frente a outros bons concorrentes (talvez devido a um conjunto de factores um pouco diferentes), verdade seja que devemos modificar um pouco o critério adoptado até agora.

Como complemento informamos que 114 concorrentes registaram um total de 675 exemplares, com 70 kgs. de peso.

Felicitamos a Direcção do C. A. P. A. pela organização e número de concorrentes que conseguiu trazer até nós, permitindo-nos lembrar que se estude a possibilidade de modificar um pouco o sistema de atribuição de prémios.

EU MESMO

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço não nos foi possível inserir neste Boletim alguns trabalhos que recebemos, do que pedimos desculpa a todos os amigos que tiveram a gentileza de nos-os enviar.

Fá-lo-emos nos primeiros números de 1954 do Jornal de Parede.

Participe nas Assembleias do Clube. A sua opinião, dada ali, pode ser de grande interesse.

A origem da vinha perde-se nos lendários e obscuros tempos pré-históricos. Os mais antigos povos, historicamente conhecidos, que habitavam a parte oriental da bacia mediterrânica, já cultivavam a vinha e bebiam vinho. Atestam-no, a representação de trabalhos vitícolas, nos hieroglifos egípcios, de 8 a 10 mil anos antes de Cristo, atesta-o, a própria Bíblia, afirma-o a história dos fenícios, que já transportavam o vinho em odres, e mais posteriormente, os povos da antiguidade clássica, de religião politeísta que dispensavam à cultura da vinha tal importância que, para a proteger, criaram um Deus — o Dionisios, nos Gregos, e Bacchus, nos Romanos.

Por descendência, ou por assimilação de costumes e hábitos, desses povos colonizadores, o Ribatejano tem já no seu sangue aquele apêgo e carinho que dispensa à cultura da vinha.

Por quem e quando foi introduzida a cultura da vinha no Ribatejo ?...

Poucos elementos existem hoje que permitam marcar a época da sua introdução nesta província. Não existe, no entanto, a menor dúvida, que Portugal quando nasceu possuía já um Ribatejo vitícola.

Aceitando que foram os fenícios os primeiros introdutores da vinha na Península Ibérica, povos oriundos da Ásia Mediterrânica, região onde prosperava a oliveira, é lógico admitir que foram eles igualmente que as trouxeram para o Ribatejo.

Utilizando a via marítima e a via fluvial, os fenícios fundaram colónias e feitorias por todo o Mediterrâneo Ocidental e por grande parte da nossa costa Atlântica.

O Tejo, como o Guadalquivir, constituíram sempre fáceis vias de comunicação para o interior, tentadores meios de acesso para regiões agrícolas mais férteis do que o litoral.

Se os fenícios fundaram Sevilha, navegando pelo Guadalquivir, se penetraram profundamente no Guadiana, se contornaram a nossa costa Atlântica até Ovar, é de admitir que, tendo entrado no amplo e convidativo estuário do Tejo, tivessem, provavelmente, fundado Olisippo (Lisboa) e seguissem mais para o interior até ao Ribatejo. Assim teria, naturalmente, sucedido e pode afirmar-se que a introdução desta cultura se fez na Península associada e paralela à da oliveira. A existência dos olivais de Santarém remonta igualmente de um passado longínquo.

Do que não resta dúvida é que nos tempos hispano-romanos, o coração da Lusitânia, que tinha como sede a velha Scalabis, consequentemente o Ribatejo de hoje, gozava já dum justo prestígio como região vitícola e oleícola.

A vinha revestiu-se na agricultura romana de uma importância muito considerável, especialmente durante as fases da formação e expansão do Império; logo, os emigrantes da Itália, ao fixarem-se na terra Lusitana, onde aquela planta encontrou condições propícias, logicamente a fizeram desenvolver e prosperar.

Nos diplomas, cartas, mais conhecidas por forais, onde se fixavam os direitos e deveres colectivos dos habitantes dos primeiros concelhos de Portugal, estão bem patentes os vestígios da influência romana, quanto às determinações que estimulavam e defendiam as culturas.

Nos forais de Santarém, do nosso 1.º Rei, 1170, consta que o vinho era já um importante produto agrícola, com deter-

A Viticultura Ribatejana

Artigo condensado da conferência realizada pelo Regente Agrícola Cláudio da Costa Gonçalves e publicado no n.º 3 - XII - Ano de "A Granja"

por António D. Nunes

minações de comercialização; já nesse tempo se defendia a pureza do vinho e se aplicavam sanções aos prevaricadores.

Segue-se D. Sancho I que promoveu o povoamento e a colonização do jovem país. Concede graças e privilégios aos agricultores e, com o fim de fixar o colono, distribui-lhe terra.

A preponderância do corpo Sacerdotal contribui, de certo modo, para o desenvolvimento da cultura da vinha, pois o vinho era, e é, indispensável na missa.

Os reinados que se seguem, de D. Afonso II e D. Sancho II, continuaram a ser de fomento para a agricultura.

O reinado de D. Afonso III, marca o limiar de uma nova era. O Boloanhês mostra-se, pelo formidável impulso que deu à vida agrícola, mercantil e marítima do País, em digno precursor de D. Dinis e D. Fernando.

Documentos existentes dizem que eram já usados vários amanhos da vinha, como cava, redra (raspa), empa, (amoiron) e a desfolha.

Da 1.ª dinastia é, sem dúvida, D. Dinis o maior impulsor da vida agrícola. Facilita a distribuição da propriedade, divide as terras incultas, manda promover a obras de enxugo, nos paúis de Ulmar, Salvaterra, Muge e Valada, e ordena a sementeira do Pinhal de Leiria.

Faz-se ele próprio lavrador, para exemplo da fidalguia, que até então desprezava qualquer esforço que não fosse o da guerra.

Para que não decrescessem as produções agrícolas no País, D. Fernando promulga a grande lei agrária das Sesmarias, lei que obrigava os proprietários territoriais a cultivar as suas terras sob pena de as verem passar à posse de outros e forçava todos os vadios a prestarem serviços à lavoura.

No decorrer dos reinados da dinastia que se segue, a de Avis, a agricultura, e nomeadamente a cultura da vinha, sofre considerável abandono. Portugal lança-se abertamente nas descobertas e conquistas ultramarinas e o Reino, ainda pouco povoado, luta com falta de braços para o amanho das terras. No tempo de D. João I começa-se a verificar um certo abandono da exploração vitícola. Eram amanhados somente os terrenos de algumas cépas e deixado o resto inulto, de modo que os vinhedos de que anteriormente se colhia abundante vinho, apareciam enredados de mato, que incendiado facilmente, por causa das queimadas, acabaram de se arruinar de todo com prejuízo público e particular. A decadência agrícola é de facto alarmante no reinado de D. João III e D. Sebastião, com o desastre de Alcácer-Quibir, agrava ainda mais a situação. O Reino está inulto, há falta de braços para o desbravar. O vinho é um produto bastante caro, por ser pouco e mau, por ser mal fabricado. Um mal nunca vem só e Portugal cai sob dominação espanhola.

No meio da opressão ruínosa as ordenações Filipinas pretenderam proteger a agricultura, principalmente a cultura vitícola. Só assim se compreende que, pouco tempo depois da restauração, a

produção vinícola do País fosse capaz não só de satisfazer o mercado interno como ainda de exportar em quantidades consideráveis para a Índia, África, Brasil e Flandres.

A viticultura desenvolve-se em todo o País nos primeiros reinados da dinastia de Bragança, mas o Ribatejo continua figurando em destacada posição. Nos Concelhos de Torres Novas, Chamusca, Santarém, Tomar, Cartaxo, Rio Maior, Almeirim e Alpiarça, a cultura da vinha já se impõe como um dos mais importantes ramos da agricultura, porque o vinho desta região era bem pago por ser devidamente apreciado pelos paladares nacionais e estrangeiros.

Entretanto as produções aumentam consideravelmente sem que as exportações lhes possam dar o necessário escoamento. Os preços aviltam-se e Portugal debate-se na primeira grande crise vitícola. Para a solucionar, o Marquês de Pombal determina que se arranquem as vinhas dos campos marginais do Tejo, Mondego e Vouga e as vinhas das terras baixas de Torres Vedras, Anadia, Mogafores, Arcos, Avelãs do Caminho e Permentela. Este estadista proibindo a venda em Lisboa de vinhos que não pertencessem às áreas do Ribatejo e Estremadura, favoreceu em parte a viticultura Ribatejana que continuou florescente nas encostas barrentas e nas planícies arenosas.

Em 1889 cai sobre esta região a invasão da filoxera, e assim todas as zonas vitícolas foram flageladas pela terrível praga. Por toda a parte, durante largos anos, se procura remédio para extinguir tão grande flagelo. É graças ao sulfureto de carbono que se salvaram parte das vinhas da Chamusca, Alpiarça, Almeirim e Cartaxo. Usou-se a submersão das vinhas, mas sem resultados satisfatórios. Surge a feliz lembrança de introduzir em Portugal bacêlo originário da América, País onde a filoxera vivia com facilidade. É com a introdução destes bacêlos que fica solucionada a questão de se conseguir fazer continuar a prosperar a videira europeia.

Aceite e adoptada com entusiasmo, a introdução dos porta-enxertos norte-americanos, em breve, não só são reconstituídos os vinhedos perdidos como ainda esta cultura se alarga de forma a gerar uma nova crise de super-abundância. Os anos de 1904, 1905 e outros que se seguem, são de clamores e de miséria para a viticultura nacional. As vinhas não quase que abandonadas até que a grande guerra de 1914 a 1918, vem debelá-la bruscamente, porque os ricos vinhedos da Europa Central foram em parte destruídos ou abandonados e levaram anos a reconstituir. Deste modo, novamente se estimula a viticultura nacional a ponto de não só se reconstituírem as vinhas abandonadas como ainda estas se alargam rápida e desordenadamente.

No Ribatejo destacaram-se os Concelhos de Almeirim, Cartaxo e Alpiarça, onde a vinha passou a ocupar grande parte dos terrenos cultivados e a economia agrícola a depender quase inteiramente do vinho. Como era de prever, em 1931-1932 inicia-se nova crise vinícola que se acentua de 1935 a 1936.

Para debelar estas crises o Governo, em 1932, proíbe absolutamente o plantio de vinha. Em 1933 nasce a Federação dos Viticultores do Centro e Sul de Portugal. A segunda Grande Guerra, do mesmo modo que a primeira, resolve completamente o problema. O Decreto-Lei n.º 54 544, vem ao encontro do desejo geral dos nossos viticultores dando autorização

(continua na pág. seguinte)

Requisitando na Biblioteca um livro para leitura domiciliária aumentará a actividade da Secção, além do prazer ou do aumento de conhecimentos que essa leitura lhe poderá proporcionar.

para condicionadas plantações que o Decreto-Lei n.º 38.525 de 1951 igualmente concede.

Actualmente a vinha vegeta indistintamente por todo o Ribatejo. Por toda a parte onde existe, a vida agrícola é mais activa, mais movimentada e mais lucrativa, podendo mesmo afirmar-se ser a vinha, presentemente, o mais valioso sustentáculo da economia agrícola Ribatejana.

É a cultura da vinha tipicamente colonizadora, não só pelo elevado número de jornais, como também pela sua distribuição mais ou menos regular no decorrer do ano agrícola.

Nenhum problema vitícola merecerá, presentemente, ser estudado com mais cuidado do que o da escolha dos porta-enxertos.

O costume de se adquirir nas feiras os bacelos necessários ao estabelecimento de novas vinhas, é um verdadeiro negócio de sorte. Queixam-se os viticultores que a vinha se apresenta definhada, que está clorótica, que tem muitas falhas, etc. atribuem estes estados a numerosas circunstâncias e poucas vezes à causa verdadeira — a inaptidão do cavalo empregado para o seu caso especial.

Um dos factores económicos mais importantes da exploração vitícola é a escolha do bacelo, a sua aptidão para determinados terrenos e bem assim a afinidade para com as castas regionais.

Sendo o Ribatejo uma região com os mais diversos terrenos, pode-se dividir em três zonas, para melhor compreensão: 1) — Zona dos Bairros — ocupa a maior parte dos concelhos do norte do Tejo, como sejam os de Vila Franca de Xira, Azambuja, Cartaxo, Rio Maior, Santarém, Alcanena, Torres Novas e Tomar.

Como zona vitícola, teve um passado brilhante, e até mesmo de admitir que tivesse sido a mais antiga e, durante algum tempo, a mais preferida do Ribatejo.

É sem dúvida a Zona dos Bairros a mais exigente quanto à escolha criteriosa dum porta-enxerto apropriado. A natureza calcárea do terreno criou dificuldades à introdução de videira americana que, em geral, é calcifuga, isto é, pouco resistente a terrenos com muita cal.

Com resultados satisfatórios, quanto à resistência à clorose, foram largamente difundidos os híbridos americanos, especialmente os *Aramon x Rupestris* (n.º 1 e 9), o *Mourvèdre x Rupestris* - 1202 e o *Bourrisquou x Rupestris* - 93-5. Porém, não possuíam a necessária resistência à filoxera e os vinhedos do nosso Bairro, enxertados nas referidas variedades de bacelo, têm tido certa longevidade.

Mais desastroso ainda, é, sem dúvida, o emprego de um porta-enxerto proveniente do cruzamento *Riparia x Cardifolia*, muito comum no Ribatejo, onde o vulgo lhe dá o nome de "Ripária Branca", "Rupestris Branco", "Ripária Oliveirinha", etc. Apresenta este bacelo normalmente bom desenvolvimento e uma rebentação precoce, mas uma vez enxertados, nas castas da região do Bairro, especialmente nas tintas, a cêpa morre no primeiro, no segundo ou, quando muito no terceiro ano de enxerto. Enxertado em Trincadeira preta, Mortágua, Castelhão Francês, Preto Martinho, etc., têm-se observado verdadeiras calamidades.

O bacelo presentemente mais usado no Bairro é o *Rupestris du Lot*, o conhecido Montícola. Bacelo ótimo para os terrenos pobres e secos e com regular afinidade para as castas regionais; para os terrenos ricos, por vezes faz "cuspir o garfo" como vulgarmente se diz. No en-

A Viticultura Ribatejana

Artigo condensado da conferência realizada pelo Regente Agrícola Cláudio da Costa Gonçalves e publicado no n.º 3 - XII - Ano de "A Granja"

por António D. Nunes

(continuação da pág. anterior)

tanto, não deve ser esquecido o facto de serem frequentes os casos do aparecimento da doença conhecida por "nú curto", nas videiras onde serve de cavalo o *Rupestris du Lot*.

Há que tentar a introdução de novas variedades de Americanos e os mais aconselháveis, segundo os técnicos dos serviços Officiais, são os seguintes:

Berlandieri Rességuier n.º 2 x *Rupestris du Lot* n.º 99

Berlandieri Rességuier - 2 x *Rupestris Martin*, 110

Berlandieri x *Rupestris* - 799
Berlandieri x *Ripária* - 420 A
Berlandieri x *Ripária* - 157-11
Berlandieri x *Ripária* - 54 EM
Berlandieri x *Ripária* n.º 8
Berlandieri x *Ripária* 55/B
Ripária x Berlandieri - 161-49
Casselas x Berlandieri - 41-B

2) — Zona de Charneca — que ocupa a larga mancha que se estende para o sul do Tejo até contactar com as terras Alentejanas e que compreende as "Fazendas de Alpiarça e Almeirim", "os Foros" de Bemfica, Marinhaes e Salvaterra de Magos, e, por mais afastado os de Coruche e Benavente. Onde há menos de um século existia o baldio e descampado, onde somente vegetava o mato bravo, hoje já agora os pampanos da valiosa "vitis".

Melhor ou pior, qualquer bacelo se adapta ao solo da "Charneca"; o "Fernão Pires", a casta predominante e muitas vezes exclusiva, é pouco exigente na questão de afinidade. Evidentemente que o êxito de uma vinha é, aqui como em qualquer outra parte, influenciada pela escolha dum porta-enxerto adequado. É presentemente usada uma variedade grande de bacelos, dos quais o mais preferido e dominante é a que é conhecida por "Ripária Branca". No entanto, os mesmos técnicos aconselham as seguintes:

Berlandieri x *Rupestris* - 99
Berlandieri x *Rupestris* - 110
Berlandieri x *Ripária* - 5 B B
Cardifolia x *Rupestris* x *Rupestris* -
- Maleque x *Ripária*
Glabra - 4446 - 114
Riparia x *Rupestris* - 5509
Berlandieri x *Ripária* - 420 A
Ripária x *Rupestris* - 101 - 14

Quanto ao vinho, é o típico Branco, proveniente do Fernão Pires, normalmente rico em álcool. Nas areias mais incorporadas de Marinhaes, Salvaterra e Coruche, produz um bom vinho de pasto tinto.

As massas vinicas desta zona, ricas em álcool e aroma, mais indicadas seriam no fabrico de excelentes vinhos licorosos, que concorreriam vantajosamente com afamados licôres estrangeiros.

C) — Zona dos aluviões — É constituída pelos férteis campos marginais do Tejo que vai buscar, na maior parte, ao coração de Espanha, os ricos materiais

com que enriquece a nossa campina.

É esta a zona das grandes produções vinicas do Ribatejo; é aqui que impera o grande viticultor Ribatejano.

Nem sempre os produtos vinicos desta região são de inferior qualidade. Haja em vista, os apreciados vinhos brancos de Valada, alguns de Almeirim e Alpiarça e os da parte do campo da Chamusca, que a lei

Pombalina considerou, exceptuando do arranque geral das vinhas que os produziam. E quanto mais não fosse, possui o campo em vários locais, condições magníficas para o estabelecimento de pomares vitícolas. Com castas de mesa apropriadas aos diferentes mercados estrangeiros, poderá esta terra produzir uvas que rivalizem com as melhores do mundo.

Quanto aos porta-enxertos mais apropriados aos aluviões do Ribatejo devem figurar, em primeiro lugar, a "Vitis Riparia" e os seus híbridos.

A *vitis Ripária*, vegeta espontaneamente nos aluviões ricos, frescos e profundos das margens dos rios e ribeiros da América do Norte.

Entre as variedades mais indicadas e também as mais usadas no nosso campos, temos a *Ripária Gloire Montpellier*, a *Ripária Grande Glabra* e mais raramente a *Tomentosa*.

Quanto às características culturais, são estes porta-enxertos de mais fácil enraizamento, resistentes à filoxera, de boa afinidade para com as castas regionais e imprimem notável productividade aos enxertos.

É, contudo, a *Vitis Ripária*, contra indicada para terrenos pobres e secos, tolera pouco o calcário, não acompanha convenientemente o engrossamento dos garfos, pelo que exige o emprego de tutores durante grande parte da evolução da vinha.

Dos híbridos, os mais aconselhados são:

Ripária x *Rupestris* - 101-14
Ripária x *Rupestris* - 5509
Ripária x *Rupestris* - 5506
Berlandieri x *Ripária* - 420-A
Berlandieri x *Ripária* - 54 E M
Berlandieri x *Ripária* - 5 B B
Berlandieri x *Rupestris* - R-89
Berlandieri x *Rupestris* - R-110

E onde o excesso de humidade ou a percentagem de cloreto de sódio (terrenos salgados), tornem impossível a vida de outros cavalos, o híbrido *Ripária x Solonis* - 1.616 tem dado satisfatórios resultados.

Nos dias de Festival desportivo vá ao Estádio: ajuda o Clube e anima as pugnas com a sua presença.

ARMAZÉM NOVO

PINHÃO & PINHÃO, L.^{DA}
 ANTIGA CASA DE ADELINO L. MARTINS
 Completo sortido de Fazendas, Retroselro,
 Panqueiro, Modas, Sapataria, Papelaria, Tudo
 para Fotografia, Drogas e Ferragens, Artigos
 de Carnaval, S. João, S. António e S. Pedro.
 Garrafas.
 R. José Relvas, 176-172-174-176 ALPIARÇA
 R. Comendante Fentouros da Costa, 2
 Telef. 55

José Pinhão

PESCARIAS VINHOS
 Despecho Central, combinado com a C. P.
 R. 5 de Outubro Telef. 54
 ALPIARÇA

DIESSELA é um motor
 entre muitos, o primeiro
 que, montado em bicicleta,
 dá volta ao mundo inteiro.

Agente em Alpiarça
António Flor da Silva
 Telef. 107
 Agente da Companhia de Seguros "LA NATIONALE"

PROENÇA & NEVES, L.^{DA}

ARMAZENISTAS DE VINHOS

Telef. 25
 R. José Relvas ALPIARÇA

Celestino Guerra
 A CORDEONISTA

III
 R. Manuel Nunes Ferreira
 ALPIARÇA

JACINTO MENDES
 LOIÇAS

Utilidades domésticas
 Artigos para Brindes
 R. José Relvas
 ALPIARÇA

Carlos Pinhão Correia

Sub-Agente da SECURITY VACUUM PORTUGUESA
 Gasolina - Petróleo - Oleos
 Acessórios para Automóveis Rodízios de Vinhos
 ALPIARÇA

FRANCISCO CASQUEIRO

KREIDLER
 A bicicleta motorizada alemã que se impõe
 pela sua extraordinária qualidade
MOTOS CZ e JAVA
 Facilidades de pagamento
 R. José Relvas ALPIARÇA

Joaquim Barreira Neves

Vitivinicultor Apicultor
 R. Fernão de Magalhães
 ALPIARÇA

Manuel Gonçalves

ALFAIATARIA
 R. Silvestre Bernardo Lima
 ALPIARÇA

CUSTÓDIO DUARTE

Barbearia
 Vinhos e seus derivados
 Tabacos
 ALPIARÇA

Humberto Fernão Pires Coel

REPRESENTAÇÕES SEGUROS
 AGENTE OFICIAL DA GENERAL ELECTRIC
 (Rádios - Frigoríficos - Aspiradores, etc.)
 Máquinas de Costura HUSQVARNA
 Máquinas de Escrever - Troças
 Oleos Kendall - Tintas
 "PIPOL" - pintura sedante e isoladora de
 basalto e utensílios vitínicos.
 Telef. 59 ALPIARÇA

CASA GARRIAPA

de António Rodrigues S. Garrettapa
 Tecidos - Modas - Sapataria - Chapelaria
 Melas NYLON Apanham-se Malhas
 PREÇOS BARATÍSSIMOS
 R. José Relvas, 168 ALPIARÇA
 SEMPRE NOVIDADES

Modélia Domingos Nunes Coelho

PARTEIRA - ENFERMEIRA
 R. António Granjo Telef. 69
 ALPIARÇA

Abel Pinhão, P.^{da}

Vinhos - Aguardentes - Azeites - Caldeiras
 de Destilação - Lagar de Azeite
 Fillais | Ponte Sôr - Telef. 51
 Elvas - Telef. 361
 R. José Relvas, 225 Telef. 50
 ALPIARÇA

HERMES CARVALHO

PROCURADORIA

R. Maria Luiza Falcão
 ALPIARÇA

José Alcobia da Costa

REFRIGERANTES
 "FRUTUGAL"

R. Sommer ALPIARÇA

Raul J. Neves
 MÉDICO
 VITIVINICULTOR

R. José Relvas
 ALPIARÇA
 Telef. 28

BOAVENTURA NUNES CAÑHA

COMISSÕES E CONTA PRÓPRIA
 Estabelecimento de Mercadorias, Fazendas,
 Cereais, Tabacos, Azeites e Vinhos
 R. José Relvas, 313-319 Telef. 61
 ALPIARÇA

MERCEARIA SANTOS

DE
ANTÓNIO DOS SANTOS
 Especialidade em sortido fino
 CHÁS-MANTEIGAS-CONSERVA-BOLACHAS
 Sortido completo em cafés paros lotados
 e de cevada, moidos na altura
 R. Silvestre Bernardo Lima, 9-11
 Telef. 73 ALPIARÇA

António Mões Pardilha - Camarinha

ARMAZENISTA
 DE VINHOS
 R. José Relvas Telef. 60
 ALPIARÇA

José Nunes Fidalgo
 Máquinas de Costura OLIVA

Rádios das melhores marcas
 Ferros eléctricos - Artigos domésticos
 Grandes Facilidades de Pagamento
 R. José Relvas, 111 Telef. 10
 ALPIARÇA

Gabriel Pinhão Fidalgo
 ALPIARÇA

GAZCIDLA
 Reparações em Rádios de todas as marcas
 Correspondente do
 CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
 LIVROS - SEGUROS

António Marques Júnior

Fazendas, mercearias, cereais e farinhas
 Ferragens, cimento, ferro e carvão
 Adubos e utensílios de lavoura
 Drogas, tintas e miudezas
 R. Silvestre Bernardo Lima, 69
 Telef. 87 ALPIARÇA

Dionísio Marçal Júnior

SEGUROS

PERITAGENS E ASSISTÊNCIA ESPECIAL

NO RAMO AUTOMÓVEL

R. de Alpiarça, 8 - 14

ALMEIRIM

Telef. 25

José da Silva Lico

PROPRIETÁRIO

VITI-VINICULTOR

Rua José Relvas

Telef. 13

ALPIARÇA

José Freire de Andrade

MÉDICO

VITI-VINICULTOR

CALDEIRA DE DESTILAÇÃO

Rua Francisco Costa, 3 - 5

ALPIARÇA

Telef. 8

BATATA!...

BATATA!...

BATATA!...

**A loja que tudo vende, para
vestir, dos pés à cabeça**

PREÇOS SEMPRE MAIS BARATOS

Manuel da Costa Boavida

ALPIARÇA

ALMEIRIM

Telef. 52

Telef. 49

GAZCIDLA

O combustível que lhe convém

RÁPIDO PRÁTICO ASSEADO

Sub-agente

Gabriel Dinheiro Fidalgo
ALPIARÇA

Produtos SHELL

Gasolina, Petróleo, óleos, etc.

PNEUS

Sub-agente

António Martins Santos
R. José Relvas - Alpiarça

Correspondente Bancário

Café Lagarto

Completo sortido de bolos
Vinhos finos

R. José Relvas Telef. 84
ALPIARÇA

Bom café... só no "LAGARTO"

Américo Camarinha, L.^{da}

Armazém de Vinhos

R. Silvestre Bernardo Lima

Telef. 37

ALPIARÇA

ADELINO DOS SANTOS

Armazenista de Vinhos

R. Maria Luiza Falcão

Telef. 102

ALPIARÇA

Manuel Martins Ramos do Céu

Viti-vinicultor

Caldeiras de Destilação de Vinhos e Engapus

LAGAR DE AZEITE

Telef. 70

ALPIARÇA

Joaquim S. Coutinho

161 - R. José Relvas - 163

TELF. 49 (P. P. C.)

ALPIARÇA

Motores, Máquinas e Alfaias Agrícolas

Moto-Bombas "SEPOL"

Moto-Bombas eléctricas "GUINARD"

Motores para bicicleta "VICTÓRIA"

Máquinas de calcular e somar "ADDO"

Máquinas de escrever "HERMES" e "OLIVETTI"

Máquinas de barbear, eléctricas "BRAUN"

Máquinas de lavar roupa "HOOVER"

Frigoríficos de todas as marcas

Artigos fotográficos "ILFORD"

Máquinas de filmar e projectar "PAILLARD"

Artigos para desporto, "SLAZEUGER"

Rádios "BUSH"

Peças e acessórios para Indústria, Automóveis e Lavoura

Pneus: KLÉBER, COLOMBES, ENGLEBERT, GOODYEAR, MABOR, KELLY, PIRELLI, ROYAL, FISK, VREDESTEIN.

Recauchutagem "LUSANGLO" e "TIRESOLES"

Correias de transmissão e mangueiras "GOODYEAR"

Material para Estações de Serviço "B T R" e "DUNLOP"

GASOLINA, PETRÓLEO e GASÓLEO

Óleos "CASTROL", "WM PENN" e "SONAP"

Produtos CENOLÓGICOS

ANÁLISES DE VINHOS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DIATOMITE "SEZI"

Tubos e acessórios de Fibrocimento "CIMIANTO"

SULFATOS, ENXOFRES e ADUBOS

Insecticidas e Fungicidas "JEIGY"

Produtos Ágro-Químicos "SANDOZ"

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS